

MATERIAL DIDÁTICO



TEORIA PSICANALÍTICA

TEORIA PSICANALÍTICA

SUMÁRIO

1	SIGMUND FREUD.....	4
2	TEORIA PSICANALÍTICA.....	7
3	O RECALCAMENTO	12
4	ASSOCIAÇÃO LIVRE.....	16
5	INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS	19
5.1	O sonho e seus conteúdos.....	20
5.2	Os conteúdos latentes e manifesto dos sonhos	21
5.3	A distorção e a elaboração onírica	23
5.4	Condensação	24
5.5	Descolamento	25
5.6	Simbolismo.....	25
5.7	Dramatização ou concretização	26
5.8	A elaboração secundária.....	27
5.9	Simbologia dos sonhos	27
6	ATOS FALHOS.....	29
6.1	Três tipos de atos falhos	31
7	TEORIA DA PERSONALIDADE	33
8	A ORIGEM DAS NEUROSES.....	36
9	OS MECANISMOS DE DEFESAS.....	37
10	O CONCEITO DE LIBIDO	41
11	A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL	45
12	A SUPERAÇÃO DO ÉDIPO	47
13	ESTRUTURAS DA PSIQUE	49
14	TRANSFERÊNCIA	49

TEORIA PSICANALÍTICA

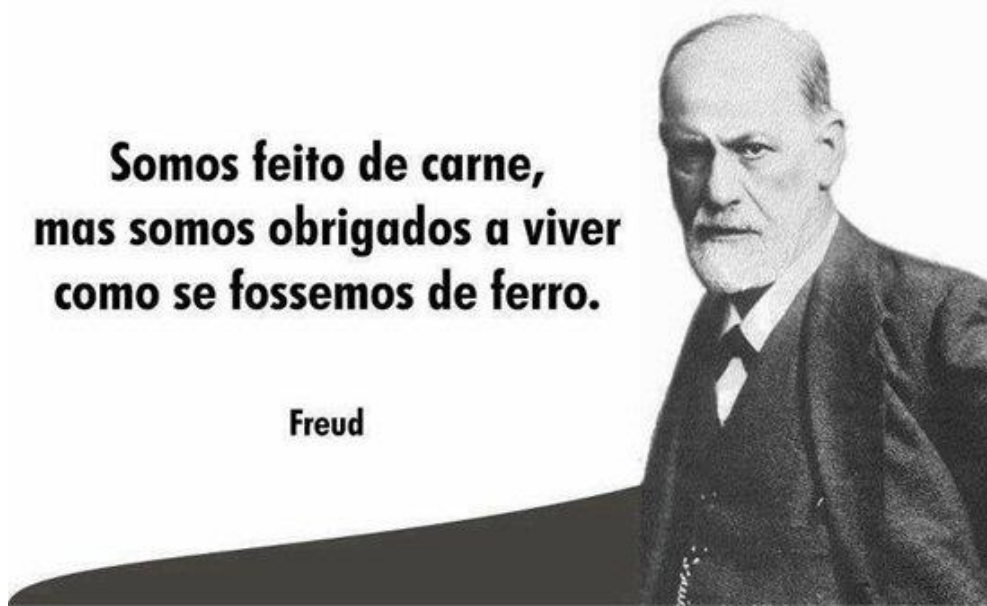
15	DESEJO	50
15.1	Sobre a relação do falo com o desejo	50
15.2	Sobre o desejo do Outro	51
15.3	O Nome-do-Pai e desejo.....	52
16	PARA QUE É O TRATAMENTO PSICANALÍTICO?	53
	BIBLIOGRAFIA.....	56

TEORIA PSICANALÍTICA

1 SIGMUND FREUD

**Somos feito de carne,
mas somos obrigados a viver
como se fossemos de ferro.**

Freud



Fonte: fernandatomazpsicanaliseholistica.blogspot.com

Sigmund Freud, nascido Sigmund Schlomo Freud, a 06 de maio de 1856, em Freiberg, na Moravia, tornou-se o fundador da Psicanálise. Era filho de um comerciante, Jacob Freud, e de sua segunda esposa, bem mais jovem, Amália Nathanson – a imagem materna influenciaria, mais tarde, muitos dos estudos de Freud. Alguns de seus irmãos, do primeiro matrimônio, eram aproximadamente vinte anos mais velhos que ele. Ao completar quatro anos, Freud mudou-se com a família para Viena. Formado pela Universidade de Viena, optou a princípio por Filosofia, campo que depois iluminaria sua produção teórica, decidindo-se depois pela Medicina, especializando-se em Fisiologia Nervosa.

Desde cedo Freud demonstrou uma certa obsessão pela sexualidade, o que se percebe na sua primeira pesquisa publicada, um estudo sobre órgãos sexuais de enguias - "Observações sobre a configuração e estrutura fina dos órgãos lobados das enguias descritos como testículos" -, trabalho realizado no Laboratório de Zoologia Marinha de Trieste, em 1876, viés que marcaria suas preocupações na teoria psicanalítica por ele criada posteriormente. Cabia a Freud nesta instituição estudar a anatomia e a histologia do cérebro do homem. É durante estas investigações que ele percebe elementos em

TEORIA PSICANALÍTICA

comum entre a organização cerebral humana e a dos répteis. A partir daí Freud, recorrendo à teoria de Charles Darwin sobre a evolução das espécies, inicia o esboço de seu questionamento da supremacia do homem sobre outros animais.

Ao se apaixonar por Martha Bernays, desejando se casar com ela, seus escassos recursos monetários o levam a deixar o Laboratório e a trabalhar como médico interno no Hospital Geral de Viena, onde conhece Josef Breuer, especializado em moléstias nervosas, que lhe narra a história de uma paciente, Bertha Pappenheim no prontuário médico “Fraulein Anna O.”, que era considerada depressiva e hipocondríaca, distúrbios emocionais que naquele período eram conhecidos como ‘histeria’. Sob hipnose, ela revela a Breuer lembranças de sua infância, o que lhe provoca uma melhora emocional significativa após o transe. Este caso influencia intensamente as pesquisas de Freud, embora mais tarde ele abandone a hipnose ao descobrir o método da livre associação. Mas fica como herança para o pesquisador a ideia da cura pela fala e a reafirmação de sua crença nas motivações sexuais reprimidas, que provocariam os sintomas da histeria, embora Breuer não compartilhasse com Freud desta teoria de ordem sexual.

Após algumas tentativas de trabalhar com a cocaína para obter os efeitos terapêuticos desejados, Freud se decepciona e vai para a França, depois de obter uma licença do Hospital, e lá toma contato com Charcot, psiquiatra francês que trabalhava no hospital psiquiátrico de saltpêtriére. Ele também estudava a histeria. Assim, o criador da psicanálise retorna para Viena mais animado e passa a atender pacientes portadoras deste quadro histérico, em grande parte senhoras judias ainda jovens. Este tratamento consistia de massagem, repouso e hipnose.

Suas teorias e técnicas foram sempre muito controversas na Viena desta época e Freud foi marginalizado por seus colegas durante muito tempo. Seu único parceiro neste período é Wilhelm Fliess.

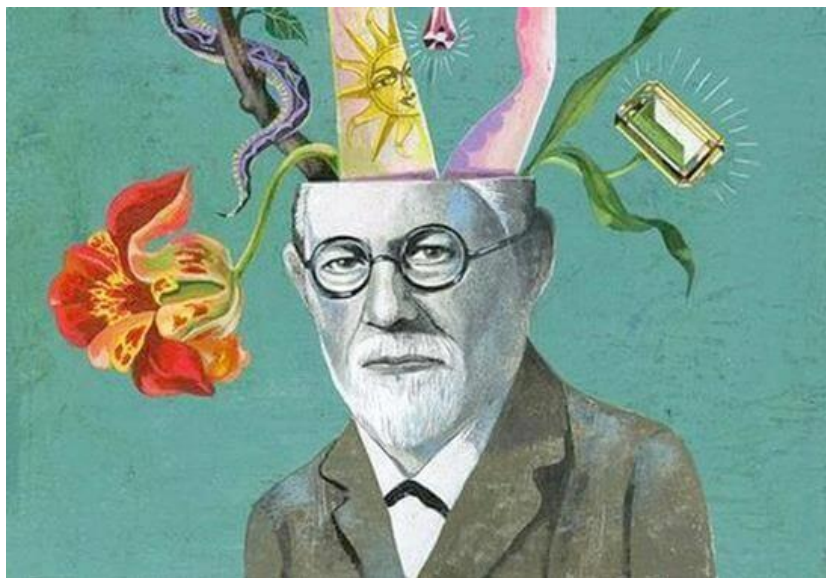
O psicanalista inicia então uma pesquisa sobre os sonhos, que servem de base para seu livro “A Interpretação dos Sonhos”. Com o foco centrado em si mesmo, ele cria o conceito de Complexo de Édipo, recorrendo à mitologia e à própria experiência com a mãe, por quem supostamente ele seria apaixonado quando era criança, desenvolvendo assim pela figura paterna uma certa agressividade.

TEORIA PSICANALÍTICA

Este ponto se torna o centro de sua teoria sobre as causas da neurose. A princípio suas publicações não têm grande repercussão, mas logo vários médicos tornam-se seus discípulos, entre eles Carl Jung, que mais tarde romperia com seu mestre.

Freud deixou para a Humanidade um grande legado, que engloba a revolução provocada pela descoberta do inconsciente, que ao lado das revelações de Copérnico e de Darwin primeiro, o Homem descobre que a Terra não é o centro do Universo, depois toma ciência de que tem um ancestral comum com os macacos, portanto não é o centro da Natureza , retira das mãos do indivíduo seu último trunfo, o Ego não reina mais soberano na mente, pois há um vasto território nela que ele desconhece, e sobre o qual não tem o controle absoluto. Ou seja, grande parte das ações humanas são coordenadas pelo inconsciente, uma esfera que o homem mal conhece. Além de Breuer, Freud foi também influenciado por Platão e por Schopenhauer. Eles foram determinantes na criação da Psicanálise, teoria explicativa dos mecanismos que regem a mente do homem.

Ela tem por objetivo explorar esse espaço tão pouco conhecido e assim tentar curar doenças de origem psíquica, sem causas orgânicas. Freud criou um método que tem por finalidade resgatar os traumas e choques sofridos em algum momento da vida, reprimidos no inconsciente. Através da verbalização, é possível trazer essas experiências à luz da consciência, possibilitando assim a cura. Freud mapeia a mente humana, criando as categorias de id, ego e superego.



Fonte: amenteemaravilhosa.com.br

TEORIA PSICANALÍTICA

Freud teve seis filhos, entre eles Anna Freud, que também se tornaria uma famosa psicanalista. Durante o Nazismo, Freud, por ser de origem judia, teve que fugir para a Inglaterra, mas quatro de suas irmãs não tiveram a mesma sorte e acabaram mortas em um campo de concentração.

Freud morre no dia 23 de setembro de 1939, vítima de câncer na mandíbula, depois de ser submetido a trinta e três cirurgias. Há a possibilidade de ter morrido de uma overdose de morfina, supostamente aplicada pelo seu médico, a seu pedido, pois sentia dores excessivas.

2 TEORIA PSICANALÍTICA

Psicanálise é um ramo clínico teórico que se ocupa em explicar o funcionamento da mente humana, ajudando a tratar distúrbios mentais e neuroses. O objeto de estudo da psicanálise concentra-se na relação entre os desejos inconscientes e os comportamentos e sentimentos vividos pelas pessoas.

A teoria da psicanálise, também conhecida por “teoria da alma”, de acordo com Freud, grande parte dos processos psíquicos da mente humana estão em estado de inconsciência, sendo estes dominados pelos desejos sexuais.

Todos os desejos, lembranças e instintos reprimidos estariam “armazenados” no inconsciente das pessoas e, através de métodos de associações, o psicanalista profissional que pratica a psicanálise conseguiria analisar e encontrar os motivos de determinadas neuroses ou a explicação de certos comportamentos peculiares dos seus pacientes, por exemplo. Etimologicamente, o termo psicanálise é uma referência ao grego psyche, que literalmente significa “respiração” ou “sopro”, mas que possui um conceito mais complexo, relacionado com as ideias modernas do que seria o espírito, o ego e a alma das pessoas.

A teoria da psicanálise: Os princípios básicos desta teoria desenvolvida por Freud estariam sintetizados nas três principais obras publicadas pelo neurologista: “Interpretação dos Sonhos” (1899), “Psicopatologia da Vida Cotidiana” (1904), e “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905).

TEORIA PSICANALÍTICA

Em suma, o estudo de Freud representa a chamada “teoria geral da personalidade”, que consiste num método de psicoterapia. Para que haja o correto entendimento dos processos mentais a partir da ótica da psicanálise, é necessário distinguir os três níveis de consciência do ser humano:

Consciente: é o estado em que sabemos (temos consciência) daquilo que pensamos, sentimentos, falamos e fazemos. São todas as ideias que os indivíduos estão cientes de existir / pensar. O consciente é somente uma pequena parte da mente, incluindo tudo do que estamos cientes num dado momento. O interesse de Freud era muito maior com relação às áreas da consciência menos expostas e exploradas, que ele denominava Pré-Consciente e Inconsciente.

Toda a análise do discurso feita pela psicanálise indica que o conteúdo da consciência é sempre marcado pela influência do inconsciente. E é através da investigação do jogo desta influência que o analista e o analisando podem aceder ao inconsciente. Donde a importância de saber o que é o “tornar-se consciente” para compreender o que é “não se tornar consciente” e, sobretudo, “não poder se tornar consciente”.



Fonte: olokuti.com

TEORIA PSICANALÍTICA

A consciência é então, para Freud, consciência da percepção do mundo externo, consciência dos estados afetivos do continuo prazer-desprazer, e consciência de uma parte dos processos psíquicos do próprio sujeito. Este terceiro aspecto sem dúvida tem grande interesse, do ponto de vista das neuroses e da prática psicanalítica. A consciência que o sujeito tem de seus próprios processos psíquicos é, ela mesma, assimilada a uma forma de percepção. Num processo psíquico consciente, há então dois elementos, o próprio processo e sua percepção pela consciência.

Todo o consciente tem um estágio prévio inconsciente, o inconsciente é o psíquico propriamente real, tão desconhecido para nós, na sua natureza interna, quanto o real do mundo exterior, e dado a nós através dos dados da consciência de forma tão incompleta quanto o mundo exterior através do depoimento de nossos órgãos sensoriais. (Freud, 1900/1982, cap. 7, F, p. 580).

O caráter transitório da consciência: Nada permanece, ao nível da consciência, em geral, a consciência é somente um estado extremamente fugitivo. O que é consciente só o é por um momento.

Quando nossas percepções não o confirmam, isto é só uma contradição aparente; ela é explicada pelo fato de que os estímulos que evocam a percepção podem persistir por períodos mais longos, de tal forma que a percepção pode se repetir. Todo este estado de coisas é claro em relação à percepção consciente de nossos processos de pensamento, que podem igualmente persistir, mas podem também passar num piscar de olhos. (Freud, 1938/1941, cap. 4, p. 83).

Pré-consciente: é o estado das ideias que estão inconscientes, mas que podem voltar a ser conscientes, caso haja o correto direcionamento da atenção dos indivíduos para elas. Os pensamentos que se encontram neste estado, por exemplo, podem ser percebidos a partir dos sonhos.

Freud refere ainda o pré-consciente (faz a ligação entre o consciente e o inconsciente), o qual corresponde, no iceberg, a uma zona flutuante de passagem entre a parte visível e a oculta. É constituído por conteúdos psíquicos (memórias, conhecimentos armazenados) que podem ser recuperados de forma relativamente fácil. A sua função é impedir a manifestação de pulsões socialmente inaceitáveis, ocorrendo o recalçamento. O recalçamento é um processo normal e indispensável ao equilíbrio

TEORIA PSICANALÍTICA

psicológico e social do indivíduo; porém, há limites para além dos quais pode ocasionar o aparecimento de comportamentos neuróticos. É em especial destes casos que a psicanálise se ocupa.

É um sistema bastante distinto do inconsciente, está mais próximo da consciência, no sistema pré-consciente (subconsciente) estão os conteúdos psíquicos que não estão presentes na consciência, mas podem ser por ela acessados. São conteúdos acessíveis de direito pela consciência, o subconsciente organiza aquilo que conhecemos, mas que não está presente na nossa consciência no momento, no subconsciente estão, por exemplo, fatos que podem ser lembrados com certa facilidade.

Inconsciente: onde ficam guardados todos os desejos e ideias reprimidas, censuradas e inacessíveis ao estado consciente, mas que acabam por afetar os comportamentos e sentimentos dos indivíduos.



Fonte: queconceito.com.br

O conceito de Inconsciente (Unbewusste) é ponto central da teoria psicanalítica, a sua pedra angular, na qual se concentra toda a descoberta freudiana. Freud, através de sua experiência clínica diz que o psiquismo não se reduz ao consciente e que certos conteúdos só são possíveis à consciência após serem superadas certas resistências.

TEORIA PSICANALÍTICA

Revelou que a vida psíquica é povoada de pensamentos eficientes embora inconscientes, de onde se originavam os sintomas. Freud localiza o inconsciente não como um lugar anatômico, mas um lugar psíquico, com conteúdo, mecanismos e uma energia específica.

O inconsciente faz parte da Primeira Tópica do Aparelho Psíquico construída por Freud a partir da Traumdeutung (Interpretação dos Sonhos) publicada em 1900. Em muitos textos freudianos o inconsciente é assimilado ao recalcado, porém, reserva-se um lugar para conteúdos inatos, filogenéticos, que constituem o núcleo do inconsciente. O conteúdo do inconsciente são os representantes da pulsão que estão fixados em fantasias, histórias imaginárias, concebidas como manifestações do desejo, que é um dos polos do conflito defensivo. Os desejos inconscientes tendem-se à uma realização, restabelecendo os sinais ligados às primeiras vivências de satisfação, através do processo primário (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001).

Somente pode-se ter acesso ao inconsciente através de sua manifestação na consciência. Nesta ele está vestido com uma roupagem imposta pela censura dos sistemas (Ics/Cs inconsciente e consciência). Por isso, a manifestação de conteúdo do inconsciente está distorcida, e modificada na consciência.

Nasio (1993) considera que o inconsciente só pode existir no campo da psicanálise, no seio do tratamento analítico. O inconsciente se revela num ato que surpreende e ultrapassa a intenção daquele que fala, de modo que o sujeito diz mais do que pretende dizer e, ao dizer, revela a sua verdade. O "dizer mais" produz e faz com que o inconsciente exista e, para que o ato de existência do inconsciente se efetive é necessária a existência de um outro sujeito que o escute e o reconheça. Este sujeito é, portanto, o psicanalista (pág.50).

Freud, em seu artigo de 1915 sobre O Inconsciente, justifica o conceito de inconsciente como necessário, partindo de um dos pressupostos de que os dados da consciência apresentam um grande número de lacunas. Seja em pessoas sadias ou doentes, ocorrem atos psíquicos, para os quais, a consciência não oferece explicações. Algumas dessas lacunas são as lembranças encobridoras, os atos falhos (ou parapraxias), os sonhos e os sintomas psíquicos que só podem ser elucidados pela via do inconsciente (FREUD, [1915] 1996).

TEORIA PSICANALÍTICA

3 O RECALCAMENTO

O recalçamento é o mecanismo de defesa mais antigo, e o mais importante foi descrito por Freud desde 1895, está estritamente ligado a noção de inconsciente e é um processo através do qual se elimina da consciência partes inteiras da vida afetiva e relacional profunda. Sob seu aspecto estritamente funcional, o recalçamento é indispensável a implicação da existência corrente e não implica Sempre uma presunção mórbida. Quando entra em cena de maneira patológica trata –se de organizações neuróticas ou sistemas defensivos de modo neurótico (mesmo no seio de estruturas diferentes) (Bergeret,2006).



Fonte: psicanaliseclinica.com

Freud (1915) em seu artigo metapsicológico sobre o recalçamento se questiona sobre por que deve um impulso pulsional sofrer tal vicissitude (ser recalçada, tendo seu acesso negado), já que a satisfação de um impulso sempre provoca prazer. Seria necessário supor a existência de certas circunstâncias peculiares, algum processo através do qual o prazer da satisfação se transforma em desprazer.

Freud diz que o recalque não é um mecanismo defensivo presente desde o início, só pode surgir quando tiver ocorrido uma cisão marcante entre a atividade mental

TEORIA PSICANALÍTICA

consciente e a inconsciente (o recalçamento só está presente a partir da divisão entre sistema consciente/pré-consciente e sistema inconsciente).

E que antes da organização mental alcançar essa fase a tarefa de rechaçar os impulsos pulsionais cabia a outras vicissitudes, as quais as pulsões podem estar sujeitas.

Bergeret (2006) define o recalçamento como processo ativo, destinado a conservar fora da consciência as representações inaceitáveis, distinguem – se três níveis nos quais esse mecanismo ocorre, o recalçamento primário, recalçamento secundário ou recalçamento propriamente dito, e retorno do recalçado.

Recalçamento primário: é o resto de uma época arcaica, individual ou coletiva, em que toda representação incômoda (imagens de cena primitiva, de ameaças à vida ou seduções pelo adulto) se encontrava automática e imediatamente recalçada, sem ter-se tornado consciente, é o que polo atrativo a seguir, os pontos de fixação dos recalçados ulteriores relacionando – se aos mesmo gêneros de representações. (Bergeret, 2006, pág.99).

O recalçamento primário, segundo Bergeret (2006) pressupõe a presença de uma inscrição sexual no imaginário primitivo da criança, desde o nascimento. E pressupõe também a impossibilidade dessa inscrição sexual se tornar, desde já operatória, em razão de um recalçamento primário imediato. A inscrição sexual primitiva só poderá se mostrar operatória em uma estrutura mais avançada do aparelho psíquico, o que irá preparar a instalação do Édipo e de todas as suas vicissitudes, que convém, afastar então, do registro consciente, sob a pressão de um recalque secundário, gerador do inconsciente secundário.

Antes de serem formados os sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente, certas experiências cuja significação inexistente para o sujeito são inscritas no inconsciente e tem seu acesso à consciência vedado a partir de então. Essas inscrições vão funcionar como o recalçado original (Urverdrangung) que servirá de polo de atração para o recalçamento propriamente dito (Nachdangem). Para Freud esse recalque primevo, consiste em negar no consciente ao representante psíquico (ideacional) da pulsão. Com isso, estabelece-se uma fixação.

Recalçamento secundário (ou recalçamento propriamente dito): consiste em um duplo movimento de atração pelas fixações do recalçamento primário e de repulsão pelas

TEORIA PSICANALÍTICA

instâncias proibidoras: superego (e ego, à medida que ele se torna aliado do superego.) (Bergeret,2006).

Segundo Freud (1915) o recalque propriamente dito afeta os derivados mentais do representante recalçado, ou sucessões de pensamento que, originando se outra parte, tenham entrado em ligação associativa com el. Por causa dessa associação, essas ideias sofrem o mesmo destino daquilo que foi primeiramente recalçado.

Portanto, para Freud para que haja o recalçamento não é suficiente a ação exercida pelo sistema pré-consciente-consciente, é necessário também a ação exercida por representantes inconsciente. Roza (2005) diz que o que ocorre no recalçamento originário não é nem um investimento por parte do inconsciente, nem um desinvestimento por parte do pré-consciente/consciente, mas um contra investimento. No caso, a noção de contra investimento está sendo utilizada para designar uma defesa contra um excesso de excitação proveniente do exterior, capaz de romper o escudo protetor contra os estímulos. (Roza, 2005, pág.161).

Retorno do recalçado: o recalçamento não pode impedir que as representações recalçadas se organizem no inconsciente, se enlacem de forma sutil e deem mesmo nascimento a novos derivados, que irão tentar se manifestar no nível do consciente.

O retorno do recalçado pode consistir ou em uma simples escapada do processo de recalçamento, válvula de escape funcional e útil (sonho, fantasias), ou uma forma às vezes já menos anódina, (lapsos, atos falhos), ou ainda, em manifestações francamente patológicas de fracasso real do recalçamento (sintomas). (Bergeret, 2006).

As formações substitutivas, as formações de compromisso e os sintomas são fenômenos que assinalam o retorno do recalçado. O recalçamento não organiza essas formações. O recalçamento incide sobre os representantes pulsionais proibidos, através de um jogo de desinvestimento (dos representantes angustiantes pelo pré-consciente) e de contra investimento da energia pulsional disponível, ao mesmo tempo reinvestida sobre outras representações autorizadas.

Fenichel (2005) define o recalque como consistindo no esquecimento inconscientemente intencional, ou na não – conscientização de impulsos internos ou de fatos externos, o quais, via de regra, representam possíveis tentações ou castigos de exigências pulsionais censuráveis, quando não meras alusões e estas.

TEORIA PSICANALÍTICA

Fenichel (2005) aponta ainda que há casos em que certos fatos são lembrados como tais, mas as conexões respectivas, o significado, o valor emocional é reprimido.

Freud (2005) diz que o representante pulsional se desenvolverá com menos interferência se for retirado da influência do sistema consciente – ele prolifera no escuro, e assume formas extremas de expressão, que uma vez traduzidas e apresentadas ao neurótico irão só lhe parecer estranhas, mas também assusta – ló, mostrando-lhe o quadro de uma extraordinária e perigosa força da pulsão.

O recalque não retira do consciente todos os derivados daquilo que foi primeiramente recalcado. Quando esses derivados se tornam suficientemente afastados do representante recalcado – quer devido à adoção de distorções, quer por causa do grande número de elos intermediários inseridos, eles terão livre acesso ao consciente. Mas não é possível determinar qual o grau de distorção e de distância no tempo necessário para a eliminação da resistência por parte do consciente. E, via regra, o recalque só é removido temporariamente, reinstalando – se imediatamente.

Freud esclarece que o processo de recalque é altamente individual (cada derivado isolado do reprimido pode ter sua própria vicissitude especial, e um pouco mais ou um pouco menos de distorção altera completamente o resultado) em seu funcionamento e extremamente móbil. O recalque não é um fato que acontece uma vez, produzindo resultados permanentes, ele exige um dispêndio persistente de força, e se está viesse a cessar, o êxito do recalque correria perigo, tornando necessário um novo ato de recalque. O recalque exerce uma pressão continua em direção ao consciente, exigindo uma contrapressão incessante.

TEORIA PSICANALÍTICA

4 ASSOCIAÇÃO LIVRE



Psicanálise em Londres

Fonte: associacaolivrepsicanalise.com.br

A associação livre é o método terapêutico por excelência da psicanálise. Freud o inventou em substituição ao hipnotismo no tratamento das neuroses. Começou a utilizá-la no tratamento de Elizabeth Von R. que solicitou que Freud a deixasse associar livremente, sem pressionar a busca de uma lembrança específica. A associação livre e os sonhos formam o que Freud chama de via régia para o inconsciente.

Na associação livre o paciente é orientado a dizer o que lhe vier à cabeça, deixando de dar qualquer orientação consciente a seus pensamentos. É essencial que ele se obrigue a informar literalmente tudo que ocorrer a seu auto percepção, não dando margem a objeções críticas que procurem por certas associações de lado, com base no fundamento de que sejam irrelevantes ou inteiramente destituídas de sentido.

Em seu Estudo Autobiográfico Freud (1925) lembra – nos que devemos ter em mente que a associação livre não é realmente livre. O paciente permanece sob a influência da situação analítica, muito embora não esteja dirigindo suas atividades mentais para um assunto específico: nada lhe ocorrerá que não tenha alguma referência com essa situação. Sua resistência contra a reprodução do material reprimido será agora expressa de duas maneiras.

TEORIA PSICANALÍTICA

Em primeiro lugar, será revelada por objeções críticas, e foi para lidar com tais objeções que a regra fundamental da psicanálise foi inventada. Mas se o paciente observar essa regra e assim superar suas reservas, a resistência encontrará outro meio de expressão. Tal regra a disporá de tal forma que o próprio material reprimido jamais ocorrerá ao paciente, mas somente algo que se aproxima dele de maneira alusiva, e quanto maior a resistência, mais remota da ideia real, da qual o analista se acha à procura.

O analista, que escuta serenamente, mas sem qualquer esforço constrangido, á torrente de associações e que, pela sua experiência, possui uma ideia geral do que esperar, pode fazer uso do material trazido à luz pelo paciente de acordo com duas possibilidades. Se a resistência for leve, ele será capaz, pelas alusões do paciente, de inferir o próprio material inconsciente, se a resistência for mais forte, ele será capaz de reconhecer seu caráter a partir das associações, quando parecerem tornar-se mais remotas do tópico em mão, e o explicará ao paciente. A descoberta da resistência, contudo constitui o primeiro passo no sentido de supera – lá.

A associação livre oferece inúmeras vantagens: expõe o paciente a menor dose possível de compulsão, jamais permitindo que se perca contato com a situação corrente real, e garante em grande medida que nenhum fator da estrutura da neurose seja introduzido nela pelas expectativas do analista. Deixe –se ao paciente em todos os pontos essenciais, que determine o curso da análise e o arranjo do material, qualquer manuseio sistemático de sintomas ou complexos específicos torna-se desse modo impossível. Em completo contraste com o que aconteceu com o hipnotismo e com método de incitação, o material inter-relacionado aparece em diferentes tempos e em pontos diferentes no tratamento. Deve, teoricamente, sempre ser possível ter uma associação, contanto que não se estabeleçam quaisquer condições quanto ao seu caráter. Com a ajuda do método de associação livre e da arte correlata de interpretação tornou – se possível provar que os sonhos têm um significado, e que é possível descobrir.

A estrutura dos sonhos não pode ser vista como absurda ou confusa, é um produto psíquico inteiramente válido, e o sonho manifesto não passa de uma tradução distorcida, abreviada e mal compreendida, e na sua maior parte uma tradução em imagens. Esses pensamentos oníricos latentes encerravam o significado do sonho, enquanto seu

TEORIA PSICANALÍTICA

conteúdo manifesto era simplesmente um simulacro, uma fachada, que poderia servir como ponto de partida para as associações, mas não a interpretação.

A associação livre é uma maneira de fazer surgir o desejo nas representações, essa operação é uma tarefa do analisante, a associação livre foi o dispositivo descoberto por Freud que consiste no desenrolar das cadeias significantes do sujeito, sustentando pelo amor de saber dirigido ao analista, a transferência. Desenrolar este que permite desatar os nós do recalque do sintoma cabendo, por sua vez, ao analista a direção da análise apontada para a construção da fantasia fundamental no intuito de fazer o sujeito atravessa – lá, ou seja, ir para além desta. Se a fantasia é uma resposta do sujeito ao enigma do sexo que representa o desejo do outro, atravessa – lá é experimentar o estado de desolação absoluta solidão e a inexistência do outro. – S(A). (Jorge A.Pimenta Filho Carta Acf).

A associação livre como regra fundamental da psicanálise, constitui um convite a que o sujeito da experiência tome distância da coerência, como condição de poder bem dizer da verdade do sintoma que o invade. Assim a psicanálise valoriza mais o incoerente que o coerente do sintoma e o consultório do analista é o lugar de se desfazer desses laços da coerência do sintoma para na linha de um novo laço – transferencial, o sujeito, enlaçado não ao analista, mas a esse lugar do desenlçamento, buscar dar conta de seu sintoma e elabora –lo. (Jorge A. Pimenta Filho Carta Acf).

TEORIA PSICANALÍTICA

5 INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS



Fonte: marcosnetter.com.br

Os Sonhos, para Freud, são uma maneira do psiquismo de realização de desejos, os sonhos são tentativas por parte do inconsciente para resolver um conflito de algum tipo, seja algo recente ou algo do passado mais distante (mais tarde em (Além do Princípio do Prazer), Freud discute alguns tipos de sonhos que não parecem ser de realização de desejo). Como os conteúdos do inconsciente são muitas vezes perturbadores, existe um “censor” que não permite que esses conteúdos sejam manifestados conscientemente. No entanto, quando dormimos, a vigília do “censor” é reduzida, embora ainda permaneça atenta: assim, o inconsciente deve distorcer e deformar o sentido da sua informação para conseguir que ele passe pela censura. Os sonhos para Freud são “o caminho real para o inconsciente”.

Desse modo, para Freud na maioria das vezes o que sonhamos não é o que parece ser, mas sim algo distorcido e mais profundo que precisa então de interpretação para ser compreendido. Essa distorção decorre principalmente dos mecanismos de condensação (síntese de ideias/conteúdos com pontos em comum, fusão de ideias/afetos/desejos semelhantes com objetivo de desfocar o verdadeiro objeto) e de deslocamento (substituição de um objeto latente por um de seus fragmentos constituintes). Assim todo sonho tem um conteúdo latente e um conteúdo manifesto. O

TEORIA PSICANALÍTICA

conteúdo manifesto é aquele que nos lembramos, o enredo, a história do sonho, já o conteúdo latente é aquele que está por trás do manifesto, é o conteúdo verdadeiro e censurado e, portanto, o objetivo da interpretação do analista é o de encontrar e tornar consciente o conteúdo latente.

A teoria dos sonhos proposta por Sigmund Freud em 1900 desperta cada vez mais interesse sobre esse mundo tão incompreensível, rico e cheio de sentimentos que dá margem a muitas considerações, censuras e novas abordagens. O que antes, era interpretado como símbolos ou premonições agora é visto como particularidades de nosso inconsciente. Destaca – se ainda a importância dos sonhos na vida de qualquer indivíduo, assim como a influência que exerce sobre os mesmos, sua análise em terapia auxiliando o terapeuta durante o tratamento. (SILVA & SANCHES, 2011).

5.1 O sonho e seus conteúdos

Segundo Freud (1915), sonhos são fenômenos psíquicos onde realizamos desejos inconscientes. O sonho é o resultado de uma conciliação. Dorme – se é, não obstante, vivencia- se a remoção de um desejo. Satisfaz – se um desejo, porém ao mesmo tempo, continua – se a dormir. Ambas as realizações são em parte concretizadas e em parte abandonadas (SIRONI, s.d.).

Na obra teoria dos sonhos, Freud postula que o homem precisa dormir para descansar o corpo e, principalmente, para sonhar: “ o sonho é a realização dos desejos reprimidos quando o homem está consciente”. Quando o homem dorme, a consciência desliga – se parcialmente para que o inconsciente entre em atividade, produzindo o sonho: através do id, os desejos reprimidos são realizados. Para Freud, as causas dos traumas que geram certos comportamentos tidos como anormais estão escondidas no inconsciente das pessoas, onde estão guardados os desejos reprimidos.

Todo o material que compõe o sonho procede de nossas experiências, daquilo que já foi por nós vivenciando na vigília. Este material é recordado no sonho, embora não seja imediatamente reconhecido pelo sonhador como originário de suas próprias experiências. Estas é uma das características do conteúdo onírico manifesto, a de ser experimentado pelo sonhador como algo que lhe é estranho, como se não fosse uma

TEORIA PSICANALÍTICA

produção sua (SIRONI.s.d.). A elaboração de um sonho, segundo Freud (1915), ocorre porque existe algo que não quer conferir paz à mente. Um sonho, pois, é a forma com que mente reage aos estímulos que a atingem no estado de sono. Alguns dos estímulos dos quais Freud fala podem ser restos diurnos, sensações fisiológicas. Outros estímulos podem ser os pensamentos ocultos, inconscientes, formados por desejos antigos, recalçados pela censura do superego, configurando – se como texto original do sonho. (RABUSKE,2011).

5.2 Os conteúdos latentes e manifesto dos sonhos



Fonte: psicologia-malenaede.blogspot.com

Em “ A interpretação dos sonhos “ Freud criou o termo conteúdo manifesto para referir – se a experiência consciente durante o sono, correspondendo ao relato ou descrição verbal do sonho, ou seja, aquilo que o sonhante diz lembrar. Já o conteúdo latente corresponde às ideias, impulsos, sentimentos reprimidos, pensamentos e desejos inconscientes que poderiam ameaçar a interrupção do sono se aflorassem à consciência claramente (REIS,2009).

O conteúdo latente mostra-nos estruturas recalçadas que tentam emergir, o conteúdo latente é o verdadeiro sonho, o conteúdo manifesto é o que o sujeito conta,

TEORIA PSICANALÍTICA

sendo um disfarce do verdadeiro sonho. O trabalho de sonho ou elaboração onírica é a passagem do latente ao manifesto.

Basicamente podemos dizer que o conteúdo latente é inconsciente e o conteúdo manifesto é consciente. Além disso, o conteúdo latente é algo semelhante a um impulso, enquanto o conteúdo manifesto é uma imagem visual. Finalmente, o conteúdo manifesto é uma fantasia que simboliza o desejo ou impulso latente já satisfeito, isto é, trata-se de uma fantasia que consiste essencialmente na satisfação do desejo ou do impulso latente.

Segundo Silva e Sanches (2011), o conteúdo latente do sonho é a primeira parte do processo de sonhar formado por três componentes:

- Impressões sensoriais noturnas
- Pensamentos e ideias relacionadas as atividades do dia (fragmentos do nosso cotidiano, antes de pegamos no sono)
- Impulsos do ID. São as impressões sensoriais do indivíduo que se referem ao que os sentidos capturam mesmo durante o período de dormência (os barulhos ao seu redor, seus desejos, como beber água, calor, frio, etc.) tudo o que podemos adquirir nesse estágio se refere ao conteúdo latente do sonho.

O sonho manifesto não é se não, portanto, nada mais que o resultado de um conjunto de operações (o trabalho do sonho) que transformam os seus componentes, ou seja, transformam os estímulos corporais os restos diurnos, os pensamentos do sonho, etc. o produto final resultante de todas essas transformações é, então, a experiência onírica (REIS,2009).

TEORIA PSICANALÍTICA

5.3 A distorção e a elaboração onírica



Fonte: pensamentoliquido.com.br

Segundo Garcia-Roza (1991), a distorção em que é submetido o conteúdo do sonho é produto do trabalho do sonho de não deixar passar algo proibido, interdito pela censura. A censura deforma os pensamentos latentes no trabalho do sonho. Freud concebe a censura como uma função que se exerce na fronteira entre os sistemas inconsciente e pré-consciente, algo que opera na passagem de um sistema para outro mais elevado. Segundo Garcia-Roza, um fragmento não é distorcido ao acaso, mas imposto por uma exigência da censura, a principal responsável pela deformação onírica, apresentando o conteúdo manifesto condensado, deslocado, simbolizado ou através da elaboração secundária. Ainda em Garcia-Roza (1991), um fragmento não é distorcido ao acaso, mas imposto por uma exigência da censura, a principal responsável pela deformação onírica, apresentando o conteúdo manifesto condensado, deslocado, simbolizado ou através da elaboração secundária.

Ainda em Garcia-Roza (1991), um fragmento não é distorcido ao acaso, mas imposto por uma exigência de censura, a principal responsável pela formação onírica, apresentando o conteúdo manifesto condensado, deslocado, simbolizado ou através da elaboração secundária.

TEORIA PSICANALÍTICA

O sonho, como todo o funcionamento psíquico é multideterminado. À transformação do conteúdo latente em conteúdo manifesto chamamos “trabalho ou labor do sonho”. Consiste no disfarce que acontece porque determinadas ideias causam ansiedade e, como tal não são admitidas no consciente. Por exemplo, a ideia (A) ao querer surgir na consciência sofre uma censura e é obrigada a transformar em (B) (BARNABÉ, s.d.).

Segundo Garcia-Roza (1991), o sonhador tem acesso ao conteúdo manifesto, ou seja, ao sonho sonhado e recordado por ele ao despertar. Este é o substituto distorcido de algo inteiramente distinto e inconsciente que são os pensamentos latentes. A distorção a que é submetida o conteúdo do sonho é produto do trabalho do sonho de não deixar passar algo proibido, interditado pela censura. A censura deforma os pensamentos latentes no trabalho do sonho. Um fragmento não é distorcido ao acaso, mas imposto por uma exigência da censura, a principal pela deformação onírica.

De acordo com Jablonski (s.d.), a respeito dos sonhos, em geral, Freud conclui que sua função é a de realização disfarçada dos desejos recalçados. Tamanho é o disfarce nos sonhos que a realização dos desejos nos aparece às vezes sob forma de pesadelos. Tais distorções devem-se ao trabalho da censura interna que funciona mesmo durante o sono. Freud destaca quatro mecanismos deste trabalho: condensação, deslocamento, simbolismo, dramatização e processo de elaboração secundária.

5.4 Condensação

Vários elementos (temas, imagens, ideias, etc.) se combinam num só, de forma que o sonho se torna mais compacto que os pensamentos-sonho. Segundo Castro (2009), na transformação dos pensamentos oníricos em conteúdo onírico ocorre necessariamente uma compressão de volume, uma condensação, em graus variáveis de um sonho para outro. Na condensação, segundo Laplanche e Pontalis (2001), “uma representação única representa por si só várias cadeias associativas e traduz-se no sonho pelo fato de o relato manifesto, comparado com o conteúdo latente ser lacônico: constitui uma tradução resumida.

TEORIA PSICANALÍTICA

“A condensação designa o mecanismo pelo qual o conteúdo manifesto do sonho aparece como uma versão abreviada dos pensamentos latentes”. Garcia-Roza (2008)

5.5 Descolamento

O processo de deslocamento de intensidade psíquica é resultado da ação de uma força psíquica que atuará em dois sentidos: retirando a intensidade de elementos que possuem alto valor psíquico e criando, a partir de elementos com baixo valor psíquico, novos valores que vão penetrar no conteúdo dos sonhos. Juntamente com o processo de condensação, o deslocamento é um dos fatores dominantes que determinam a diferenciação entre o pensamento dos sonhos e o conteúdo dos sonhos. “O aspecto mais significativo do sonho pode se apresentar de modo a quase passar despercebido, ao passo que os aspectos secundários aparecem, às vezes, ricos em detalhes. Nisto constitui o deslocamento da energia de uma imagem para outra” (JABLONSKI, s.d.).

5.6 Simbolismo

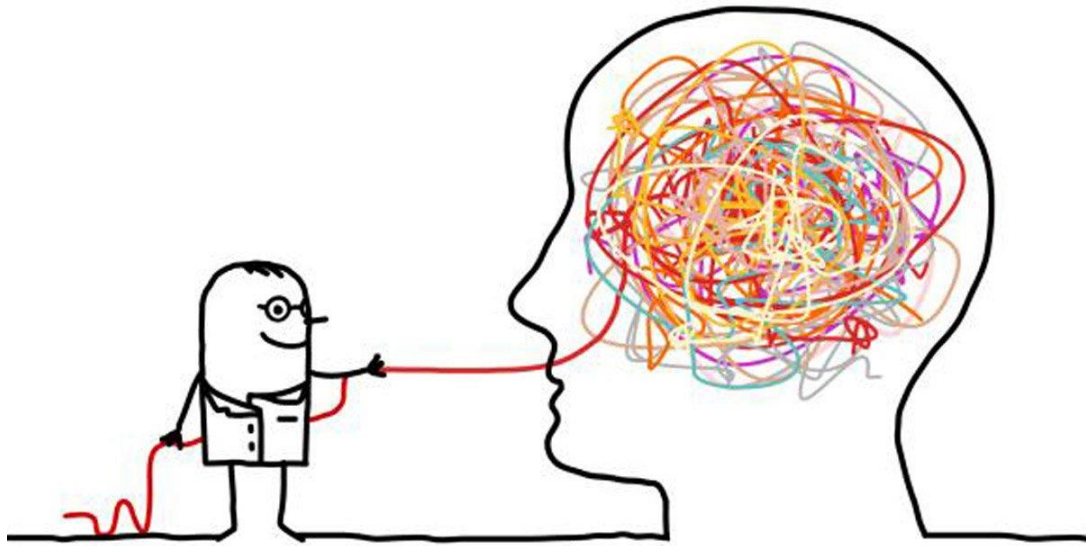
Na função de simbolização, há uma transformação dos pensamentos oníricos em símbolos, fornecendo ao sonho uma série de metáforas e conferindo certa poeticidade ao conteúdo manifesto. É nesse estágio que o sonho assume realmente a sua forma peculiar, com uma racionalidade e inteligibilidade bem distinta do pensamento diurno (ALVARENGA & LUCINDA, s.d.).

Certas imagens dos sonhos têm sempre um mesmo significado. Freud fornece uma grande lista de símbolos inconscientes constituída de objetos que se referem, sobretudo à sexualidade. Continentes em geral, como caixas, malas, cofres e etc. seriam símbolos do órgão sexual feminino e objetos pontiagudos ou inseridos dentro de caixas, cavidades, etc. são geralmente símbolos do órgão sexual masculino. É claro que os sonhos, sendo tão distorcidos por estes quatro mecanismos da censura, devem ser interpretados para se tornarem inteligíveis. O sonho de que nos lembramos constitui apenas o conteúdo manifesto e nos parece absurdo, louco. Interpretado, ele se

TEORIA PSICANALÍTICA

transforma num texto linear a que chamamos conteúdo latente, no qual vamos perceber com clareza o desejo realizado pelo sonho (JABLONSKI, s.d.).

5.7 Dramatização ou concretização



Fonte: psicologiasdobrasil.com.br

Segundo Jablonski, s.d., a dramatização é a representação de imagens em ação. O sonho é como um teatro que, como distingue Freud. A dramatização é também um mecanismo responsável pela economia dos sonhos.

As operações mentais inconscientes por meio das quais o conteúdo latente do sonho se transforma em sonho manifesto, damos o nome de elaboração do sonho, também chamada dramatização. O processo responsável por essa transformação, que Freud considerava a parte essencial da atividade onírica, é o funcionamento do sonho.

No processo de dramatização os fragmentos do sonho, condensados e deslocados da racionalidade na vigília, são transformados em cenas. Aí é formado todo um contexto para esses elementos e, na maior parte das vezes, trata-se de uma ambientação bem distinta do que foi vivido no dia anterior (ALVARENGA & LUCINDA, s.d.).

TEORIA PSICANALÍTICA

5.8 A elaboração secundária

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), consiste na operação mental inconsciente por intermédio da qual o conteúdo latente de um sonho se transforma em um sonho manifesto, sendo, também, um efeito da censura. Trata-se, portanto, de uma “remodelação do sonho destinada a apresentá-lo sob a forma de uma história relativamente coerente e compreensível”.

A elaboração secundária, que é essa remodelação, consiste, essencialmente, em tirar a aparência de absurdo e de incongruência do sonho, tapando os seus buracos, remanejando parcial ou totalmente seus elementos. Com esse objetivo é possível observar a elaboração secundária em operação, quando o sonhante se aproxima do estado de vigília (REIS, 2009).

5.9 Simbologia dos sonhos

Os sonhos possuem uma linguagem que Freud denominou símbolos. Para entender seus diversos conteúdos, temos que distinguir o que os símbolos representam nesse sonho. A simbologia dos sonhos não só está vinculada ao contato que o criador do sonho teve com o objeto, mas também com a forma que ele se relaciona sentimentalmente com esse objeto. Um exemplo prático, o mar pode apresentar distintas simbologias, variando de pessoa a pessoa. Para alguns o mar pode significar destruição (o mar destruindo estruturas deixadas na praia), mas para outros, invasão (a água avançando e invadindo território) de acordo com

Freud o que a pessoa sente quanto a esse objeto ou essa situação é fundamental para a interpretação de sonho.

É necessário ter sempre em mente que os sonhos não se manifestam coordenadamente em termos de palavras, frases, proposições, etc. Esses meios de expressão são, nos sonhos, substituídos por “imagens visuais” que, por outro lado, constituem uma linguagem simbólica representativa de desejos e afetos reprimidos. A interpretação de um sonho requer, pelo menos, que se conheçam as principais significações simbólicas, o que deve ser elaborado através do material derivado das

TEORIA PSICANALÍTICA

Associações Livres. As imagens simbólicas constituem regressões a longínquas formas elementares do pensamento (REIS, 2009).

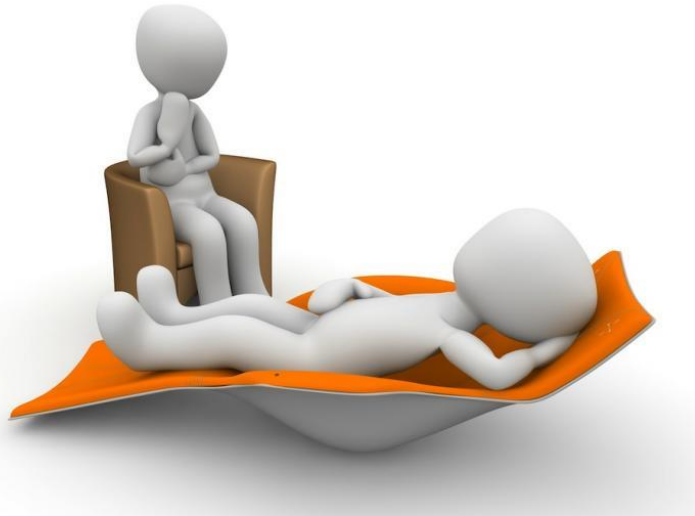
Certas imagens dos sonhos têm sempre um mesmo significado. Freud fornece uma grande lista de símbolos inconscientes constituída de objetos que se referem sobretudo à sexualidade. Continentes em geral, como caixas, malas, cofres e etc. seriam símbolos do órgão sexual feminino e objetos pontiagudos ou inseridos dentro de caixas, cavidades, etc. são geralmente símbolos do órgão sexual masculino (JABLONSKI, s.d.)

Na literatura se encontram exemplos de símbolos que podem ser utilizados em todos os tipos de cultura. Contudo, há a observação de que o significado de um símbolo dependerá sempre da associação e da cultura do paciente que o sonhou (OLIVEIRA, 2011).

Oliveira (2011) diz ainda que Freud liste uma série de símbolos que ele considera praticamente universais, detectável em quase todas as culturas. Para a figura humana a representação típica é uma casa. Os pais aparecem como imperador e imperatriz, rei e rainha ou outras pessoas de status. Os filhos, irmãos e irmãs são simbolizados por bichinhos ou pequenos animais. O nascimento é quase sempre representado por algo relacionado à água. Morrer tem relação com partir, viajar de trem e a nudez, por meio de roupas e uniformes.

TEORIA PSICANALÍTICA

6 ATOS FALHOS



Fonte: muyinteresante.es

Os atos falhos ou lapsos foram um dos primeiros fenômenos para os quais Freud voltou a sua atenção. Eles são indícios seguros do determinismo psíquico e dos motivos inconscientes, ou seja, que tais comportamentos possuem um significado e não ocorrem casualmente. Esquece-se o nome de alguém, mas sabe-se que outros nomes que são lembrados ou sugeridos não correspondem ao nome esquecido. Ouve-se algo que não foi dito realmente, escreve-se o que não era intenção de escrever. Todos os atos falhos baseiam-se no esquecimento, porém, nenhuma pessoa sadia está alheia a esses esquecimentos (GARCIA-ROZA, 2007).

De acordo com Laplanche & Pontalis (2001), os atos falhos consistem naquilo cujo resultado visado não foi atingido. O sujeito atribui às ações que ele não conseguiu realizar bem, como derivadas de sua distração ou ocorridas por acaso. Freud demonstrou que os atos falhos possuem compromisso entre a intenção do sujeito e o recalçado. Sendo assim, o ato falho é um ato bem-sucedido ao nível do inconsciente, pois o desejo inconsciente realiza-se nele de uma forma clara e visível numa análise.

TEORIA PSICANALÍTICA

As parapraxias, ou atos falhos, são manifestações de intenções perturbadoras do inconsciente em nossa atividade consciente. Um exemplo de um ato falho são os lapsos de língua, quando trocamos uma palavra por outra ou o nome de uma pessoa por outro.

O esquecimento de intenções também são atos falhos. Ocorre, por exemplo, quando chegamos em um determinado lugar e perguntamos: "o que eu vim fazer aqui mesmo?"

Um ato falho ocorre quando eu saio de casa com uma carta na mão para despachá-la mas percebo que passei por uma caixa de correio e não a deixei lá. Esse esquecimento é um tipo de ato falho. Freud diz que:

"...não preciso, como indivíduo normal e livre de neuroses, carregá-la na mão por todo o caminho e ficar à cata de uma caixa de correio onde possa jogá-la; pelo contrário, costumo colocá-la no bolso, seguir meu caminho deixando os pensamentos vagarem livremente, e confiar em que uma das primeiras caixas do correio há de chamar minha atenção e fazer com que eu ponha a mão no bolso e retire a carta. A conduta normal frente a uma intenção concebida coincide por completo com o comportamento experimentalmente produzido das pessoas a quem se deu, em hipnose, uma "sugestão pós-hipnótica a longo prazo", como se costuma chamá-la. Esse fenômeno é usualmente descrito da seguinte maneira: a intenção sugerida dormita na pessoa em questão até se aproximar o momento de efetivá-la. É aí que desperta e impele a pessoa para a ação." (FREUD, 2002)

Os atos falhos ocorrem para evitar o desprazer. Eles são sempre sintomas de algum tipo de conflito psíquico. No caso da carta, o ato de depositá-la na caixa de correios poderia entrar em associação com conteúdos psíquicos que quero manter recalçados. Por essa razão, um mecanismo psíquico atua para que a ação não seja executada, e nesse caso, para que eu esqueça minha intenção de colocar a carta no correio.

Um outro ato falho muito comum é a substituição de nomes, isso é, quando vamos chamar uma pessoa e trocamos seu nome pelo de outra pessoa. Ou então quando esquecemos o nome de uma pessoa. A real motivação da troca de um nome pelo outro ou pelo seu esquecimento pode ser analisada.

TEORIA PSICANALÍTICA



Fonte: blog.universidades-rusia.com

Se alguém também afirma: "Não me peça para fazer isto, tenho certeza de que vou esquecer!", a realização dessa profecia, segundo Freud (1997), nada tem de místico, pois "quem assim fala sente em si a intenção de não executar o pedido e apenas se recusa a confessá-lo a si mesmo."

Os atos falhos, por se manifestarem em todas as pessoas, e não apenas em neuróticos, é um dos principais meios de acesso às descobertas da Psicanálise. Tanto que Freud escolheu este tema como o primeiro a apresentar em suas "Conferências Introdutórias sobre Psicanálise" (volumes XV e XVI da Edição Standard das Obras Completas).

6.1 Três tipos de atos falhos

Atos falhos na linguagem (fala, escrita, leitura): São os atos falhos mais conhecidos. Lembro que quando estava na faculdade de psicologia, um de meu professor contou que estava indo de ônibus até a faculdade, e ouviu de uma passageira que estava sentada atrás dele: "Isso foi um ato fálico"...

Nesta frase, vemos que a pessoa trocou a palavra falho por fálico (pênis). Um erro na fala que se, formos investigar, encontraremos um significado inconsciente para ela. Em uma apresentação na faculdade, no primeiro período, uma aluna estava falando

TEORIA PSICANALÍTICA

sobre Freud (lê-se Fróide). Ela disse: “Foi assim que o Fraude”... Também teríamos que investigar porque a aluna considera o Freud uma fraude, mas é obviamente um exemplo de um ato falho.

Atos falhos de esquecimento (falha na memória): No Psicopatologia da Vida Cotidiana, Freud dá diversos exemplos dos três tipos de atos falhos. Logo no início, ele menciona e analisa um ato falho de esquecimento que aconteceu com ele mesmo. Visitando a catedral de Orvieto, ele se esquece do nome de o pintor dos afrescos. Ele procura buscar em sua memória, os nomes que aparecem são Botticelli e Boltraffio, mas ele reconhece que ambos não são o nome correto.

Uma outra pessoa lhe informa o nome: *Signorelli* e ele imediatamente reconhece-o como o nome correto. Analisando o porquê do esquecimento, ele vê que na conversa anterior falavam dos costumes na Bósnia e Herzegovina. O tema relacionado era da morte e da sexualidade. As palavras Herzegovina e Herr (senhor, Signor em italiano, Signorelli), que estavam na conversa anterior interferiram na cadeia associativa e afetaram a sua memória.

Um exemplo mais simples consiste quando esquecemos de ligar para alguém. O esquecimento é um erro, mas se formos investigar a fundo a causa do esquecimento, veremos que seria como se “uma parte” de nós não quisesse realmente ligar. Por isso, o ato falho é um erro, mas também um acerto (do ponto de vista do desejo inconsciente).

Atos falhos no comportamento (cair, quebrar, derrubar, tropeçar, etc.), enfim, perturbações do controle motor: O último tipo de ato falho (*vergreifen*) é traduzido para o português como equívocos na ação. Como mencionamos acima, são perturbações do controle motor que, se analisados, nos conduzem também a uma formação de compromisso entre o inconsciente e o consciente.

Freud nos dá o seguinte exemplo: “Em anos anteriores, quando eu visitava o paciente a domicílio com maior frequência que hoje, ocorria-me muitas vezes, ante a porta em que eu deveria bater ou tocar a campainha, tirar do bolso as chaves da minha própria casa e, logo em seguida, tornar a guardá-las, quase envergonhado. Quando considero os pacientes em cujas casas isso acontecia, sou forçado a supor que esse ato falho – apanhar minha chave em vez de tocar a campainha – tinha o sentido de uma homenagem à casa onde eu cometia esse erro. Era equivalente ao pensamento: ‘Aqui

TEORIA PSICANALÍTICA

me sinto em casa’, pois só ocorria em lugares onde eu me havia afeiçoado ao doente” (É óbvio que não toco a campainha da minha própria casa). O exemplo do Chaves do “sem querer, querendo” quando ele bate no Senhor Barriga também pode ser considerado um equívoco na ação que possui um significado. Por um lado, ele realmente não deseja ser tão desastrado, por outro, talvez queira bater de verdade no dono da vila.

7 TEORIA DA PERSONALIDADE

Com base no relato de pacientes a respeito de suas fantasias, sintomas neuróticos, lembranças e sonhos, Freud desenvolveu uma teoria sobre a estrutura da personalidade humana e a dinâmica de seu funcionamento. Segundo ele, nossa personalidade é formada por três instâncias: id, ego e superego.

O id é a instância que contém os impulsos inatos, as inclinações mais elementares do indivíduo. O id é composto por energias – denominadas por Freud de pulsões – determinadas biologicamente e determinantes de desejos e necessidades que não reconhecem qualquer norma socialmente estabelecida. O id não é socializado, não respeita convenções, e as energias que o constituem buscam a satisfação incondicional do organismo.

Ao passo que o id é inato, as duas outras partes da personalidade desenvolvem-se no decorrer da vida da pessoa. O ego, que significa literalmente “eu”, é o setor da personalidade especializado em manter contato com o ambiente que cerca o indivíduo. Ele é a porção visível de cada um de nós, convive segundo regras socialmente aceitas, sofre as pressões imediatas do meio e executa ações destinadas a equilibrar o convívio da pessoa com os que a cercam. O superego, por sua vez, é um depositário das normas e princípios morais do grupo social a que o indivíduo se vincula. Nele se concentram as regras e as ordenações da sociedade e da cultura, representadas, inicialmente, pela família e, posteriormente, internalizadas pela pessoa. Podemos visualizar a dinâmica entre essas três instâncias da seguinte maneira: energias determinantes de desejos, originárias do id, devem chegar ao nível do ego para que este possa articular ações supressoras das necessidades então impostas. Se o ego irá dar conta de fazê-lo ou não,

TEORIA PSICANALÍTICA

este é um problema que diz respeito às possibilidades reais de que dispõe o indivíduo. Não é esse o tema prioritário da teoria de Freud.



Fonte: eusemfronteiras.com.br

Com base no relato de pacientes a respeito de suas fantasias, sintomas neuróticos, lembranças e sonhos, Freud desenvolveu uma teoria sobre a estrutura da personalidade humana e a dinâmica de seu funcionamento. Segundo ele, nossa personalidade é formada por três instâncias: id, ego e superego.

O id é a instância que contém os impulsos inatos, as inclinações mais elementares do indivíduo. O id é composto por energias, denominadas por Freud de pulsões, determinadas biologicamente e determinantes de desejos e necessidades que não reconhecem qualquer norma socialmente estabelecida. O id não é socializado, não respeita convenções, e as energias que o constituem buscam a satisfação incondicional do organismo.

Ao passo que o id é inato, as duas outras partes da personalidade desenvolvem-se no decorrer da vida da pessoa. O ego, que significa literalmente “eu”, é o setor da personalidade especializado em manter contato com o ambiente que cerca o indivíduo. Ele é a porção visível de cada um de nós, convive segundo regras socialmente aceitas, sofre as pressões imediatas do meio e executa ações destinadas a equilibrar o convívio da pessoa com os que a cercam. O superego, por sua vez, é um depositário das normas

TEORIA PSICANALÍTICA

e princípios morais do grupo social a que o indivíduo se vincula. Nele se concentram as regras e as ordenações da sociedade e da cultura, representadas, inicialmente, pela família e, posteriormente, internalizadas pela pessoa. Podemos visualizar a dinâmica entre essas três instâncias da seguinte maneira: energias determinantes de desejos, originárias do id, devem chegar ao nível do ego para que este possa articular ações supressoras das necessidades então impostas. Se o ego irá dar conta de fazê-lo ou não, este é um problema que diz respeito às possibilidades reais de que dispõe o indivíduo. Não é esse o tema prioritário da teoria de Freud.

O foco de atenção da Psicanálise dirige-se à relação entre as energias oriundas do id e os impedimentos que o superego lhes impõe. A Psicanálise mostra que há uma vasta gama de desejos que são impedidos de chegar ao nível do ego, isto é, desejos cuja existência o “eu” sequer toma ciência devido à censura das barreiras morais internalizadas pela pessoa. O superego atua como protetor do ego, pois sem ele as pulsões tornariam insuportável a vida do indivíduo em sociedade.

Constitui-se, desse modo, uma região da personalidade habitada por pulsões reprimidas, que não são conscientes para o ego. Esta região é chamada inconsciente. Está no inconsciente tudo aquilo que o ego não sabe que existe, tudo aquilo que foi reprimido com base nas concepções morais internalizadas pelo indivíduo.

Observe-se que este modelo traduz uma concepção de ser humano. Segundo a Psicanálise, somos seres que possuímos um universo de desejos e necessidades que não conhecemos. Tudo o que pensamos e queremos é apenas uma parte do que realmente somos. Grande parte de nós encontra-se oculta em nosso inconsciente, reprimida por nosso superego. Trata-se de uma versão da personalidade humana que rompe com o racionalismo e mostra não sermos donos da verdade que julgamos conhecer a respeito de nossas motivações, nossos gostos, amores e ódios. Isto porque nossas escolhas conscientes são profundamente influenciadas pelas energias inconscientes reprimidas.

TEORIA PSICANALÍTICA

8 A ORIGEM DAS NEUROSES

Tudo seria muito simples se os conteúdos reprimidos ficassem definitivamente soterrados, mas não é assim que se passa. As pulsões, precisamente por serem energias, continuam a pressionar o superego para chegar ao nível consciente. Nesse processo, Freud viu a origem de alguns fenômenos da vida psíquica, como os sonhos, os atos falhos, a sublimação e as neuroses. O sonho nada mais é do que um resultado da luta entre o id e o superego.

O conjunto de conteúdos que forma o sonho traduz a trama de desejos não satisfeitos contidos no inconsciente da pessoa. Sonhar, portanto, é a realização de um desejo reprimido. Trata-se, é claro, de realização imperfeita e incompleta porque a ação do superego impede que as imagens oníricas explicitem com clareza o desejo inconsciente.

A falta de clareza do sonho é exigência feita pelo superego que libera as energias do id desde que estas tenham sua forma alterada e não cheguem ao plano consciente tal como elas realmente são. O superego garante, assim, o cumprimento de sua função repressora, ao mesmo tempo em que alivia, de certo modo, a pressão oriunda do id.



Fonte: verywellmind.com

TEORIA PSICANALÍTICA

Algo semelhante ocorre com os atos falhos – lapsos linguísticos ou de escrita. O caso mais banal é aquele em que um palestrante inicia seu discurso dizendo: “Bem, vamos encerrar esta sessão...”. O lapso, neste caso, seria a tradução do desejo inconsciente de encerrar e, não, o de iniciar a palestra. O desejo reprimido obteve satisfação por uma fresta nas defesas do superego.

O mecanismo chamado sublimação também expressa o resultado das tensões entre o id e o superego. Energias reprimidas transformam-se e são canalizadas para um único objetivo, possibilitando ao ego exercer uma atividade socialmente aceita. O indivíduo destaca-se em um determinado setor da vida social, seja ele artístico, esportivo ou intelectual, dada à concentração de energia psíquica que ali se forma.

A neurose, por fim, foi explicada por Freud de acordo com esse mesmo esquema de produção. A exemplo do sonho e das demais manifestações acima mencionadas, o sintoma neurótico – um desequilíbrio que se manifesta na vida consciente da pessoa – é o resultado visível de desejos que, reprimidos pelo superego, tornam-se inconscientes e procuram uma “válvula de escape” para ascenderem ao plano consciente.

A pessoa neurótica percebe que há algo errado com ela – uma angústia indefinida, um pensamento ou um ato recorrente – mas não sabe a causa dos sintomas que a afligem, pois está se encontra no inconsciente, região inacessível ao ego. Ao contrário de um sonho, uma neurose é algo que sempre causa sofrimento. Curar ou, ao menos, minimizar tal sofrimento era o objetivo de Freud.

9 OS MECANISMOS DE DEFESAS

Mecanismo de defesa é uma denominação dada por Freud para as manifestações do Ego diante das exigências das outras instâncias psíquicas (Id e Superego), mas a psicanálise freudiana não é a única teoria a se utilizar desse conceito. Outras vertentes da psicologia também se utilizam dessa denominação.

Os mecanismos de defesa são determinados pela forma como se dá a organização do ego: quando bem organizado, tende a ter reações mais conscientes e racionais. Todavia, as diversas situações vivenciadas podem desencadear sentimentos inconscientes, provocando reações menos racionais e objetivas e ativando então os

TEORIA PSICANALÍTICA

diferentes mecanismos de defesa, com a finalidade de proteger o Ego de um possível desprazer psíquico, anunciado por esses sentimentos de ansiedade, medo, culpa, entre outros. Resumindo, os mecanismos de defesa são ações psicológicas que buscam reduzir as manifestações iminentemente perigosas ao Ego.

Todos os mecanismos de defesa exigem certo investimento de energia e podem ser satisfatórios ou não em cessar a ansiedade, o que permite que sejam divididos em dois grupos: Mecanismos de defesa bem-sucedidos e aqueles ineficazes. Os bem-sucedidos são aqueles que conseguem diminuir a ansiedade diante de algo que é perigoso. Os ineficazes são aqueles que não conseguem diminuir a ansiedade e acabam por constituir um ciclo de repetições. Nesse último grupo, encontram-se, por exemplo, as neuroses e outras defesas patogênicas.

Existem pelo menos quinze tipos de mecanismos de defesa conhecidos e explicados pelas teorias da psicologia. Entre eles, podemos citar: compensação, expiação, fantasia, formação reativa, identificação, isolamento, negação, projeção e regressão.

Cada mecanismo de defesa tem uma forma específica de funcionamento, vamos conhecer alguns deles brevemente:

Compensação

Esse mecanismo de defesa tem por característica a tentativa do indivíduo de equilibrar suas qualidades e deficiências, por exemplo, uma pessoa que não tem boas notas e se consola por ser bonita.

Deslocamento

O mecanismo de deslocamento está sempre ligado a uma troca, no sentido de que a representação muda de lugar, e é representada por outra. Esse mecanismo também compreende situações em que o todo é tomado pela parte. Por exemplo: alguém que teve um problema com um advogado e passa, então, a rejeitar todos esses profissionais, ou ainda, num sonho, quando uma pessoa aparece, mas, na verdade está representando outra pessoa.

TEORIA PSICANALÍTICA

Expição

É o mecanismo psíquico de cobrança. O sujeito se vê cobrado a pagar pelos seus erros no exato momento em que os comete, com esperança na crença de que o erro será imediatamente ou magicamente anulado.

Fantasia

Nesse mecanismo de defesa, o indivíduo cria uma situação em sua mente que é capaz de eliminar o desprazer iminente, mas que, na realidade, é impossível de se concretizar. É uma espécie de teatro mental onde o indivíduo protagoniza uma história diferente daquela que vive na realidade, onde seus desejos não podem ser satisfeitos. Nessa realidade criada, o desejo é satisfeito e a ansiedade diminuída. Os exemplos de fantasia são: os sonhos diurnos, ou fantasias conscientes, as fantasias inconscientes, que são decorrentes de algum recalque e as chamadas fantasias originárias.

Formação Reativa

É um mecanismo caracterizado pela aderência a um pensamento contrário àquele que foi, de alguma forma, recalcado. Na formação reativa, o pensamento recalcado se mantém como conteúdo inconsciente. As formações reativas têm a peculiaridade de se tornar uma alteração na estrutura da personalidade, colocando o indivíduo em alerta, como se o perigo estivesse sempre presente e prestes a destruí-lo. Um exemplo, uma pessoa com comportamentos homofóbicos, que na verdade, sente-se atraído por pessoas do mesmo sexo.

Identificação

É o mecanismo baseado na assimilação de características de outros, que se transformam em modelos para o indivíduo. Esse mecanismo é a base da constituição da personalidade humana. Como exemplo podemos citar o momento em que as crianças assimilam características parentais, para posteriormente poderem se diferenciar. Esse momento é importante e tem valor cognitivo à medida que permite a construção de uma base onde a diferenciação pode ou não ocorrer.

TEORIA PSICANALÍTICA

Isolamento

É o mecanismo em que um pensamento ou comportamento é isolado dos demais, de forma que fica desconectado de outros pensamentos. É uma defesa bastante comum em casos de neurose obsessiva. Os exemplos desse mecanismo são diversos, como rituais, fórmulas e outras ideias que buscam a cisão temporal com os demais pensamentos, na tentativa de defesa contra a pulsão de se relacionar com outro.

Negação

É a defesa que se baseia em negar a dor, ou outras sensações de desprazer. É considerado um dos mecanismos de defesa menos eficazes. Podemos citar como exemplo o comportamento de crianças de “mentir”, negando ações que realizaram e que gerariam castigos.

Projeção

Resumidamente, podemos dizer que é o deslocamento de um impulso interno para o exterior, ou do indivíduo para outro. Os conteúdos projetados são sempre desconhecidos da pessoa que projeta, justamente porque tiveram de ser expulsos, para evitar o desprazer de tomar contato com esses conteúdos. Um exemplo é uma mulher que se sente atraída por outra mulher, mas projeta esse sentimento no marido, gerando a desconfiança de que será traída, ou seja, de que a atração é sentida pelo marido. Além desse, outros exemplos de projeção podem estar na causa de preconceitos e violência.

Regressão

É o processo de retorno a uma fase anterior do desenvolvimento, onde as satisfações eram mais imediatas, ou o desprazer era menor. Um exemplo é o comportamento de crianças que, na dificuldade em seus relacionamentos com outras crianças, retornam, por exemplo, a fase oral e retomam o uso de chupetas, ou ainda, comem excessivamente.

TEORIA PSICANALÍTICA

10 O CONCEITO DE LIBIDO



Fonte: blog.sbpi.org.br

Para compreender melhor o que Freud dizia sobre o conflito entre id e superego, e suas consequências para o ego, vejamos uma de suas mais desafiadoras afirmações. Segundo Freud, entre as pulsões que compõem o id, destacam-se as energias de natureza sexual. É contra elas que se erguem as barreiras morais que, internalizadas pelo indivíduo, formam o superego.

À época em que Freud elaborou sua teoria, entre fins do século XIX e início do século XX, essa afirmação causou repulsa e indignação, uma vez que significava dizer que as pessoas já nasciam com desejos sexuais. O problema era que se imaginava a sexualidade como algo que surge bem mais adiante, na adolescência, e que os bebês e as crianças pequenas eram totalmente imunes a sentimentos desse tipo. Freud trouxe uma concepção diferente de infância e por isso foi mal aceito durante décadas, especialmente em certos meios intelectuais. O que ele pretendia dizer era que um bebê, ao sugar o seio da mãe, por exemplo, ativava uma energia que era da mesma natureza que um adulto ativava quando mantinha uma relação sexual genital. Deu o nome de libido a essa energia e considerou-a como a energia que move o ser humano na direção do prazer, seja ele uma criança pequena ou um homem feito.

TEORIA PSICANALÍTICA

A libido, portanto, é uma energia de natureza sexual, componente do id, presente no ser humano desde o nascimento, e é ela que impulsiona a pessoa em busca de satisfação. Para Freud, o “princípio do prazer” dita a vida humana, logo este é a motivação maior para todos nós. Mas esse princípio, como já vimos, é interdito pelo superego, norteado por outro referencial, o “princípio da realidade”, originário das ordenações culturais e sociais. Voltaremos logo mais a este tema, pois ele diz respeito às concepções sociais e políticas de Freud.

O que interessa no conceito de libido, no momento, é que ele permite entender a personalidade como profundamente marcada por forças de natureza sexual. As energias envolvidas no conflito que gera o ego – seus traços característicos e seus distúrbios – são energias libidinais, isto é, sexuais. Assim, o desenvolvimento da libido, energia que assume diversas formas, fundamenta a teoria de desenvolvimento elaborada por Freud. No corpo dessa teoria, veremos como são constituídos os afetos primordiais que formam a personalidade da pessoa.

Parte da libido é reprimida a partir do complexo de Édipo, parte é deslocada para outros atos humanos como estudar, fazer arte, trabalhar e outras atividades que temos ao longo de nossas vidas, e uma última parte fica disponível para o prazer sexual. A libido é a energia que move o homem a se relacionar com os objetos. Se não fosse pela libido o homem não iniciaria sua relação com o mundo. É esta energia que garante que as crianças comecem a brincar, locomoverem-se e explorar a realidade à sua volta.

Complexo de Édipo: O complexo de Édipo apresenta um desafio ao desenvolvimento da criança e a resolução do dilema que ele propõe difere de acordo com o gênero.

O Complexo de Édipo pode, inclusive, ocorrer em outras fases da vida também. Seguindo o pensamento de Freud:

- O menino se apega à mãe pelos carinhos e cuidados, a querendo apenas para si;
- Descobre que o pai também ama a mãe, tornando-o seu rival;
- O menino deseja possuir a mãe sem a interferência do pai;

TEORIA PSICANALÍTICA

- Ele luta para eliminar o rival importuno (pai), mas não consegue vencer e pretende se vingar com agressões e desobediência;
- Com o tempo, o menino modifica a maneira de amar a mãe. Passa o desejo de possuí-la e agora quer protegê-la;
- Mais velho, o menino passa a admirar as qualidades do pai, ainda que continue sendo seu rival. Ele passa a imitar o pai;
- Chegando à fase adulta, o menino vai se desligando da mãe e ganhando independência;
- Como um adulto normal, o menino passa a tratar o pai normalmente e se interessar por outras mulheres.

Portanto, o complexo de Édipo alude a um conflito baseado em um conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta em relação aos seus pais. Freud o define como o desejo inconsciente de manter uma relação sexual – incestuosa – com o progenitor do sexo oposto – a mãe – e de eliminar o pai do mesmo sexo – parricídio.

Funções do complexo de Édipo:

O complexo de Édipo será um pilar fundamental para a teoria psicanalítica. Freud atribuiu diferentes funções ao mesmo:

- A descoberta de um objeto de amor que deriva da resolução de sentimentos de ambivalência em relação aos pais.
- A aceitação da lei da proibição do incesto
- O acesso à genitália, como pessoa já constituída: com seus próprios atributos e características de personalidade.
- Constituição das diferentes instâncias psíquicas, especialmente a do superego como produto da assimilação da autoridade paterna
- A identificação para um ideal
- A aceitação do próprio sexo

Depois do que dissemos, pode-se ver que o complexo de Édipo, para Freud, está enquadrado num relacionamento triangular formado pela mãe, o pai e a criança.

TEORIA PSICANALÍTICA

A resolução deste “triângulo” irá condicionar a personalidade da criança, juntamente com a introdução da norma que irá permitir a assimilação de uma ordem social e cultural. Um dos tópicos mais conhecidos da teoria freudiana é o que diz respeito à vivência do Complexo de Édipo, fenômeno que ocorre em uma das fases do desenvolvimento psicosssexual, a fase masturbatória. Essa fase também é conhecida como fase fálica, devido à relevância atribuída por Freud às fantasias infantis, masculinas e femininas, sobre o pênis nesse momento da vida da criança. Vale ressaltar que muitas das concepções psicanalíticas foram construídas com base nas reflexões de Freud sobre essa fase, especialmente, sobre o modo como os meninos a vivenciam. Pouco espaço restou para a análise da situação feminina, cujas conclusões não agradaram nem mesmo ao próprio Freud. Vale observar também que Freud descreveu as ocorrências desta fase de várias maneiras diferentes, tendo inclusive reformulado suas ideias ao longo de suas obras. Vamos nos ater aqui a uma única linha de análise, entre as muitas que a Psicanálise comporta. Em certo momento da vida, por volta de quatro anos de idade, dizia Freud, o que não pode ser tomado categoricamente, a criança sente-se, particularmente, atraída pelo órgão sexual masculino. No caso do menino, este percebe sua presença, manipula-o e obtém satisfação libidinal por seu intermédio. Já a menina, ressentida-se por não possuir algo que os meninos possuem.

O caso masculino. O menino, que tem forte ligação afetiva com a mãe, fantasia retribuir o afeto que a mãe lhe dedica fazendo uso do instrumento pelo qual ele próprio obtém prazer – seu pênis. Façamos uma pausa, aqui, para sublinhar que estamos nos referindo ao universo de fantasias da criança. Não valem, portanto, indagações quanto ao conhecimento objetivo que o menino possui para concretizar um ato sexual genital.

Ele, certamente, não possui esse tipo de conhecimento, o que não impede o livre curso de sua imaginação. Estamos falando, na verdade, daquela pulsão de natureza sexual, já mencionada anteriormente, que encaminha o indivíduo na direção do prazer. E devemos lembrar que o superego ainda não tem bases sólidas nesse momento, ou seja, a criança ainda não internalizou os escrúpulos que nós, adultos, possuímos quanto ao incesto. Seu ego ainda é muito sensível às pressões do id. Assim, o menino tem fantasias de relacionar-se incestuosamente com a mãe. Freud foi taxativo nesse ponto. Ocorre que o menino, nesse momento, encontra um obstáculo entre ele e a mãe: o pai.

TEORIA PSICANALÍTICA

Forma-se, assim, o chamado triângulo edipiano, imagem que Freud foi buscar na tragédia grega escrita por Sófocles, no século IV a.C. O menino desenvolve em relação ao pai um sentimento que Freud não titubeou em denominar “ódio”. A situação feminina é de explicação controvertida, conforme já foi dito. A menina, percebendo em si mesma a ausência de um pênis, desenvolve profundo sentimento de inferioridade. Atribui à mãe a “culpa” por ela ter sido gerada assim e nutre um sentimento de ódio pela mãe – à semelhança do que ocorre, por outras vias, com o menino.

11 A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL



Fonte: robohub.org

A libido é uma energia e, como tal, necessita localizar-se em uma região do corpo, pela qual consegue obter satisfação. Quando nascemos, a região do corpo que se encontra em maior evidência é a região bucal. A boca é responsável pela nutrição do recém-nascido, exercendo uma atividade essencialmente biológica. Freud jamais negou isso, mas acrescentou que a boca, uma vez ocupada pela libido, torna-se um órgão que viabiliza prazer. Em outras palavras, a boca torna-se um órgão que dá vazão à energia sexual.

TEORIA PSICANALÍTICA

Caracteriza-se, assim, a fase de desenvolvimento oral, quando a sexualidade é vivenciada na relação que a criança estabelece, por intermédio da boca, com o mundo que a cerca. Dependendo do modo como essas vivências ocorrem, constituem-se certos traços de personalidade, especialmente aqueles que dizem respeito à imagem que o indivíduo guarda de si.

Impossibilitada de distinguir entre o mundo exterior – a mãe e os cuidados que está lhe dispensa – e o seu próprio “eu” ainda em formação, a criança atribui a si mesma as ações que são a ela dirigidas. Assim, dependendo das vivências da criança, por intermédio da boca, com os que cuidam dela, desenvolve-se a autoimagem do indivíduo, que poderá ser mais ou menos negativa ou positiva.

Mais tarde, a atividade excretória do ânus assume relevância na vida da criança, especialmente quando do treinamento feito pelos pais para que ela aprenda a defecar em lugar certo e horários apropriados. A libido, então, desloca-se para essa região, dando margem à fase de desenvolvimento anal. As vivências dessa fase associam-se a noções de disciplina, gerando maior ou menor senso de organização e método. Alguns aspectos da teoria freudiana do desenvolvimento são importantes ter em mente. Em primeiro lugar, Freud não esteve preocupado em estabelecer as idades em que estas fases de dão. Cada pessoa é única, assim como suas vivências, o que impede uma demarcação cronológica genérica aplicável ao desenvolvimento de todas as pessoas.

Em segundo lugar, o que determina uma fase é a fixação da libido em certa região do corpo, como já vimos, o que não quer dizer que a libido não possa estar em dois locais ao mesmo tempo – na boca e no ânus, por exemplo. Além disso, a mobilidade da libido permite que ela retorne a regiões do corpo antes ocupadas, determinando assim a regressão psicológica do indivíduo a certas vivências anteriormente prazerosas.

Outro aspecto relevante a ser considerado é que, quando nos referimos às experiências da criança com os adultos que a cercam – o modo como a mãe amamenta a criança, por exemplo – e completamos dizendo que estas vivências determinam traços de personalidade, não queremos dizer que as atitudes dos pais produzam automaticamente o caráter dos filhos. A Psicanálise revela que o fator decisivo, no caso, é o modo como o indivíduo enxerga – ou fantasia – o mundo exterior, as pessoas e as atitudes das pessoas que se relacionam com ele. Objetivamente, não é o mundo tal como

TEORIA PSICANALÍTICA

o conhecemos que interfere em nossa personalidade, mas sim, o mundo que subjetivamente apreendemos. Desse modo, uma mãe, por mais carinhosa e cuidadosa que seja, pode ser experiência pela criança de modo oposto. A propósito disso afirmamos, há pouco, que os vínculos transferenciais dirigidos ao psicoterapeuta decorrem de representações internalizadas pelo paciente na infância. O que está em causa não são, de fato, as figuras reais de seus progenitores e as ações que, realmente, empreenderam, mas as imagens construídas sobre eles e sobre seus atos pela criança.

A Psicanálise não é uma teoria ambientalista, do tipo que considera nossa personalidade como simplesmente moldada pela ação do meio sobre nós. Embora seja assim, durante muito tempo, supostos adeptos das ideias de Freud utilizaram suas teorias para impor normas de bom comportamento aos pais, como se estes pudessem ser orientados por uma cartilha de atitudes corretas.

Conta-se que Freud, certa vez, ao terminar uma conferência, teria sido procurado por uma senhora que indagou sobre a melhor forma de educar seus filhos. O mestre de Viena teria respondido que ela poderia fazer como bem entendesse, pois de qualquer maneira não iria impedir as fantasias sexuais de suas crianças. Freud não era um entusiasta da aplicação da Psicanálise aos processos educacionais, justamente por perceber a impossibilidade de acesso direto à dinâmica do inconsciente.

12 A SUPERAÇÃO DO ÉDIPO

É durante a fase de desenvolvimento chamada fálica que ocorre a situação edipiana, cuja denominação advém da análise do caso masculino. Freud trabalhou mais sobre as ocorrências na vida dos meninos e, conforme logo veremos, disso extraiu elementos para suas reflexões sobre a sociedade e a cultura. O que interessa no momento é verificar como a crise edipiana pode ser superada e como se dá o desenvolvimento psicosssexual dali por diante.

À situação do menino que sente ódio pelo pai. Ocorre que esse menino, ao mesmo tempo em que sente ódio pelo pai, justamente por isso, também passa a temê-lo, a sentir que este poderá castigá-lo como retribuição pelos sentimentos negativos que lhe são dirigidos. O castigo fantasiado pelo menino viria na forma de castração. O pai poderia

TEORIA PSICANALÍTICA

retirar dele o instrumento pelo qual ele fantasia a satisfação de seus desejos incestuosos: o pênis.

À angústia que Freud chamou de angústia de castração soma-se a ambiguidade de sentimentos vivenciada pelo menino, a difícil situação de odiar e amar a mesma pessoa, pois o menino nutre sentimentos de amor pelo pai, em semelhante intensidade.

A superação da situação edipiana vem, segundo Freud, com a intensificação do amor, o que se dá na forma de identificação, exacerbação de amor que mesmo alguns adultos sentem: querer ser como ele implica deixar de seu eu mesmo. Ao identificar-se com o pai, o menino coloca em ação um mecanismo psicológico que visa ocultar o ódio que sente. Livra-se assim, ao mesmo tempo, de sua angústia de castração e da insuportável ambiguidade de sentimentos – amor e ódio – relacionados ao pai. Com a menina, passa-se algo semelhante. Ela identifica-se com a mãe, afastando, desse modo, o sentimento de ódio.

Menino e menina, cada qual à sua maneira, identificam-se com pessoas de seu mesmo sexo, o que abre a possibilidade de que venham a desempenhar, dali por diante, papéis sexuais compatíveis com o que a sociedade espera e – até mesmo, dizia Freud – para o bem da preservação da espécie, uma vez que o encontro carnal de macho e fêmea se torna factível.

A superação do Complexo de Édipo põe fim à fase fálica. Mas para onde vai o ódio sentido por meninos e meninas? Para onde vai o sentimento de inadequação ou inferioridade das meninas e o desconfortável temor de castração dos meninos? Onde fica a libido que motivou o desejo incestuoso? Todas essas energias não desaparecem, mas são afastadas, conforme afirmamos há pouco. Elas são afastadas da consciência, isto é, da área de visibilidade do ego. Tornam-se, portanto, inquilinas do inconsciente.

Segundo Freud só um grande deslocamento de energia é capaz de reprimir o ódio vivenciado na fase fálica. Um deslocamento tão monumental que arrasta consigo, para as regiões sombrias do inconsciente, todos os sentimentos desconfortáveis experienciados naquele momento e, mais ainda, todas as vivências infantis, orais, anais, masturbatórias.

Esse é o momento decisivo de constituição do superego que incorpora, dali por diante, certas normas fundamentais, certas proibições decisivas. Entre elas, o horror ao

TEORIA PSICANALÍTICA

incesto e o impedimento de odiar o pai. Os verdadeiros sentimentos ligados à fase fálica ficam ocultos no inconsciente, reprimidos por ação dessas normas morais, sobre as quais muitas outras são erguidas no decorrer da vida da pessoa.

Mas, como sabemos, os conteúdos do inconsciente não ficam lá sepultados docilmente. Eles exercem poderosa pressão para manifestar-se à luz do ego, para chegar ao plano consciente. Entretanto, não é isto o que ocorre nos anos que imediatamente se seguem. Os conflitos vão eclodir mais tarde, no início da puberdade.

13 ESTRUTURAS DA PSIQUE

A partir das relações do Édipo (situadas por volta dos 3 a 5 anos) que a estrutura permanente da personalidade é formada, com três possíveis resultados: neurose, psicose ou perversão. Isto significa que todos nós teremos uma ou outra destas estruturas e, depois, não conseguimos “trocar”. E isso também significa que a normalidade para a psicanálise não é uma questão de não ter uma estrutura psicopática, mas sim em ter sintomas que são menos graves. A diferença é de grau.

14 TRANSFERÊNCIA

A transferência é o deslocamento do sentido atribuído a pessoas do passado para pessoas do nosso presente. Esta transferência é executada pelo nosso inconsciente. Para a teoria freudiana, esse fenômeno é fundamental para o processo de cura. A transferência é um fenômeno que ocorre na relação entre o paciente e o terapeuta, quando o desejo do paciente irá se apresentar atualizado, com uma repetição dos modelos infantis, as figuras parentais e seus substitutos serão transpostas para o analista, e assim sentimentos, desejos, impressões dos primeiros vínculos afetivos serão vivenciados e sentidos na atualidade. O manuseio da transferência é a parte mais importante da técnica de análise.

Na transferência o paciente produz com clareza plástica, uma parte importante da história de sua vida, da qual de outra maneira, ter-nos-ia fornecido apenas um relato

TEORIA PSICANALÍTICA

insuficiente. Ele a representa diante de nós, por assim dizer, em vez apenas nos contar. (Freud,1930).

A transferência permite que o analista se aproprie do saber inconsciente que se insinua na fala do sujeito. A interpretação da transferência é perigosa, pois tal procedimento pode até aliviar a angústia do sujeito, e com isso gratificar o analista, mas pode ser que o analisando esteja apenas substituindo suas associações pelas interpretações do analista, numa tentativa de recuperar a estabilidade que as defesas conferem a neurose.

15 DESEJO

Na cultura psicanalítica, literária e filosófica de língua francesa, o termo *désir* (desejo) ou *Wunsch* em alemão designa o campo de existência do sujeito humano sexuado, em oposição a toda abordagem teórica do humano que se limitaria ao biológico, aos comportamentos ou aos sistemas de relação.

No desenho desse campo, a obra de Lacan com a distinção que estabelece a epistemologia da falta entre necessidade, demanda e desejo, é decisiva muito embora neste artigo só se venha tratar do binômio demanda-desejo.

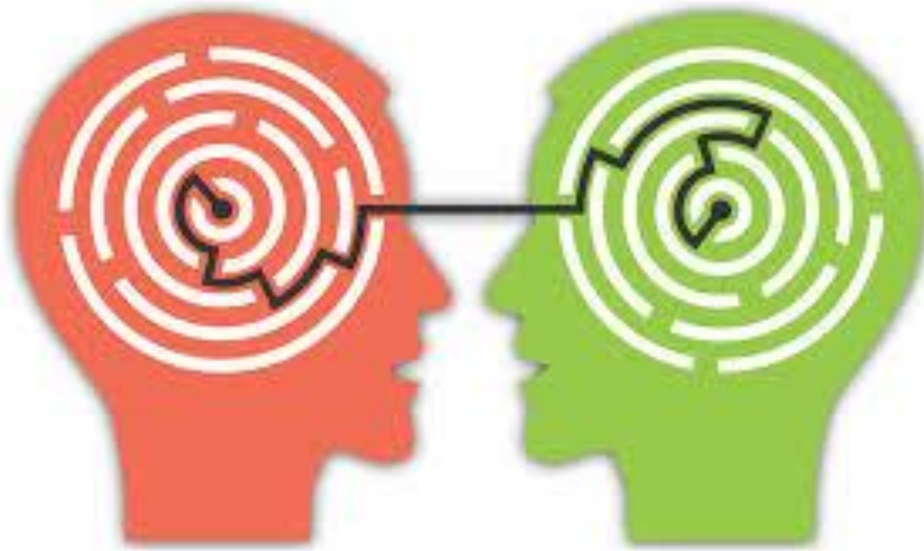
O desejo, em Lacan, se define de fato em primeiro lugar, epistemologicamente, em sua relação intrínseca com a ordem biológica das necessidades e com a ordem linguageira da demanda de amor. O homem deseja, porque a satisfação de suas necessidades vitais passa pelo apelo dirigido a um Outro, o que de imediato altera a satisfação, transformada assim em demanda de amor.

15.1 Sobre a relação do falo com o desejo

O falo é o significante particular que, no corpo dos significantes, especializa-se em designar o conjunto dos efeitos do significante, como tais, no significado. Isso vai longe, mas não há como ir menos longe para dar ao falo sua significação. Ele ocupa no desejo do Outro um lugar privilegiado no qual se produzirá significantes além do desejo, ou seja, em todo o campo que se situa para além do campo da demanda.

TEORIA PSICANALÍTICA

Um sujeito humano completo nunca é puro e simples sujeito do conhecimento, ele através da manifestação da necessidade, de sua tensão, transpõe a primeira linha significativa da demanda, como disse Lacan o desejo em sua função inconsciente, é o desejo do Outro. E essa criação de um desejo para além da demanda é essencial



Fonte: idepes.com.br

15.2 Sobre o desejo do Outro

O desejo é a forma absoluta da necessidade, da necessidade passada ao estado de condição absoluta, na medida em que fica para além da exigência incondicional de amor, a qual, vez por outra, ele pode vir comprovar.

Ora, é da natureza do desejo como tal necessitar do apoio do Outro. O desejo do Outro não é uma via de acesso para o desejo do sujeito, é o lugar puro e simples do desejo. Na medida em que a demanda sempre pede alguma coisa que é mais do que a satisfação a que ela apela, e que vai mais além disso. Daí o caráter problemático e ambíguo do lugar onde se situa o desejo. Esse lugar está sempre para além da demanda, considerando que a demanda almeja a satisfação da necessidade, e no aquém da demanda.

TEORIA PSICANALÍTICA

Como tal, o desejo sempre ultrapassa qualquer espécie de resposta que esteja no nível da satisfação e é pela contradição que surge a dificuldade de se formular um desejo. O desejo é para a histérica um ponto enigmático. Com efeito, o desejo da histérica não é o desejo de um objeto, mas um desejo de um desejo, um esforço de se manter em frente ao ponto no qual ela convoca seu desejo, o ponto onde está o desejo do Outro.

Já o obsessivo está sempre pedindo alguma permissão. O obsessivo, digamos, tal como a histérica, necessita de um desejo insatisfeito, isto é, de um desejo para além de uma demanda. O Homem também tem que se aperceber de que não o é.

15.3 O Nome-do-Pai e desejo

O Nome-do-Pai é uma designação endereçada ao reconhecimento de uma função simbólica, circunscrita no lugar de onde se exerce e representa a lei, essa que surge desde tenra infância num dado momento da evolução edipiana onde a criança é conduzida a associar a ausência de sua mãe com a presença do pai. Quando a mãe está ausente, ela a supõe presente junto ao pai.

Temos aí o momento crucial no qual o pai aparece para a criança, primeiro como um objeto fálico rival e, a seguir, como o que supostamente detém o falo. Nesse momento o desejo de ser o centro das atenções, o desejo de ser amado e desejado começa a ser ameaçado e essa ameaça nos segue nas nossas relações com o Outro. Por meio do recalque originário e da metáfora paterna, o desejo vê impor-se, então, a mediação da linguagem. Mais precisamente, é o significante Nome-do-Pai que inaugura a alienação do desejo na linguagem. Fazendo-se palavra, o desejo não se torna, assim, nada mais do que o reflexo de si mesmo. O desejo de ser recalcado em prol do desejo de ter, impõe à criança que engaje a partir de então seu desejo no terreno dos objetos substitutivos do objeto perdido. Para tanto, o desejo não tem outra saída a não ser fazer-se palavra, desdobrando-se numa demanda. Mas ao se fazer demanda, o desejo se perde cada vez mais na cadeia dos significantes do discurso. O desejo permanece, portanto, sempre insatisfeito, pela necessidade em que se encontrou de se fazer linguagem. Ele renasce continuamente, uma vez que está sempre, fundamentalmente, em outro lugar que não no objeto a que ele visa ou no significante suscetível de simbolizar este objeto, o desejo

TEORIA PSICANALÍTICA

persiste em designar o desejo do todo (objeto perdido) pela expressão de desejo da parte (objetos substitutivos).

16 PARA QUE É O TRATAMENTO PSICANALÍTICO?



Fonte: nappsi.com.br

A psicanálise e a psicoterapia psicanalítica são para aqueles que se sentem aprisionados em problemas psíquicos recorrentes que impedem seu potencial para experimentar felicidade com seus parceiros, famílias e amigos assim como sucesso e satisfação em seu trabalho e tarefas normais da vida diária.

Ansiedades, inibições e depressões frequentemente são sinais de conflitos internos. Estes levam a dificuldades nos relacionamentos e, quando não tratados, podem ter um impacto considerável nas escolhas pessoais e profissionais. As raízes destes problemas frequentemente são mais profundas do que a consciência pode alcançar, que é o motivo porque não podem ser resolvidos sem psicoterapia.

É com a ajuda de um analista capacitado que o paciente pode obter novos conhecimentos (insights) sobre as partes inconscientes destes distúrbios. Conversar com um psicanalista em uma atmosfera segura levará o paciente a tornar-se cada vez mais consciente de partes de seu mundo interno previamente desconhecido (pensamentos e

TEORIA PSICANALÍTICA

sentimentos, memórias e sonhos), aliviando dessa maneira a dor psíquica, promovendo o desenvolvimento da personalidade e oferecendo uma autoconsciência que fortalecerá a confiança do paciente para perseguir seus objetivos na vida. Estes efeitos positivos da psicanálise deverão durar e levar a novos desenvolvimentos mesmo após a análise ter terminado.

O processo terapêutico psicanalítico consiste em descortinar conflitos originados, na maioria das vezes, no passado do paciente e submersos em seu inconsciente causando-lhe sofrimento em sua vida atual. Esse processo permite ao paciente, compreender seus conflitos e a razão da repetição de seu sintoma. Para isso deve haver o estabelecimento de um contrato entre terapeuta e paciente que, envolvidos na busca de um acordo consensual, promovam condições para que a terapêutica possa se desenvolver.

Esse acordo e a evolução do tratamento irão depender de ambas as partes, tendo em vista de que o que se busca no setting terapêutico (relação contratual) é o enfoque nos aspectos inconsciente do sujeito, cujas representações só poderão ser compreendidas por meio do comprometimento do paciente e da disposição do terapeuta, em tentar descobrir quais os significantes inconscientes envolvidos causaram no paciente essa situação atual. Por ser o inconsciente atemporal, desejos insatisfeitos e experiências traumáticas recalçadas pelo sujeito, e que não estão acessíveis à consciência, tem um significado simbólico atual e presente causando-lhe sofrimento. Segundo Freud (1996/1925-1926), esse recalque acontece pela tendência do ser humano em buscar o prazer e renunciar ao desprazer.

A imagem clássica da pessoa no divã conversando com o analista ajuda a explicar como funciona uma terapia psicanalítica. Tudo está pautado na relação de confiança entre o analista e cliente, sendo o diálogo o principal instrumento de trabalho. A abordagem criada por Freud usa o princípio da associação livre. A ideia é orientar a pessoa a conversar sobre vários temas com o analista, sem nenhum filtro. Seja acontecimentos e detalhes da vida cotidiana, devaneios ou lembranças de sonhos. Esse processo ajuda a trazer à tona certos pensamentos que, normalmente, não seriam acessados.

TEORIA PSICANALÍTICA

Durante o processo terapêutico, investiga-se também as memórias e experiências da infância, que têm grande importância no entendimento do inconsciente. O profissional, por sua vez, irá ajudar a interpretar e organizar todas as informações e identificar de onde surge determinado trauma, inibições ou medos.

A teoria da psicanálise busca entender o funcionamento da mente humana e parte do princípio de que os processos psíquicos são, em boa parte, inconscientes. Ou seja, para a psicanálise, nós não temos consciência de vários fatores que definem nossas emoções e comportamentos.

Esta teoria serve como uma abordagem para o tratamento de uma série de transtornos que causam sofrimento emocional, como fobias, compulsões e angústias. Por exemplo, quando alguém apresenta alterações de humor, problemas de autoestima, dificuldades de relacionamento no trabalho ou em relações amorosas, os psicanalistas buscam a explicação no inconsciente.

TEORIA PSICANALÍTICA

BIBLIOGRAFIA

Freud, S. (1975). **Entwurf einer Psychologie**. Em M. Bonaparte, A. Freud e E. Kris (Orgs.), **Aus den Anfängen der Psychoanalyse**. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho [redigido em 1895 e] originalmente publicado em 1950)

Freud, S. (1966). **Extract from Freud's letter** 39 to Fliess of January 1, 1896. Em Standard Edition, vol. 1, pp. 388-9. Londres: **The Hogarth Press**. (Trabalho [redigido em 1896 e] originalmente publicado em 1950)

Freud, S. (1982). **Die Traumdeutung**. Em **Studienausgabe, vol. 2**. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho originalmente publicado em 1900)

Freud, S. (1960). **The Psychopathology of Everyday Life**. Em Standard Edition, 6. Londres: The Hogarth Press. (Trabalho originalmente publicado em 1905).

Freud, S. (1955). **Notes upon a Case of Obsessional Neurosis**. Em Standard Edition, vol. 10. Londres: **The Hogarth Press**. (Trabalho originalmente publicado em 1909).

Freud, S. (1993). **Le trouble de vision psychogène dans la conception psychanalytique**. Em **Œuvres complètes: Psychanalyse**, vol. 10. Paris, PUF. (Trabalho originalmente publicado em 1910).

Freud, S. (1958). **Remembering, repeating and working-through (Further recommendations on the technique of psychoanalysis II)**. Em Standard Edition, vol. 12. Londres: The Hogarth Press. (Trabalho originalmente publicado em 1914).

Freud, S. (1982). **Das Unbewusste**. Em **Studienausgabe**, vol. 3. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho originalmente publicado em 1915).

Freud, S. (1982). **Das Ich un das Es**. Em **Studienausgabe**, vol. 3. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho originalmente publicado em 1923).

Freud, S. (1961). **A Note upon the "Mystic Writing-Pad"**. Em Standard Edition, vol. 19. Londres: The Hogarth Press. (Trabalho originalmente publicado em 1925).

TEORIA PSICANALÍTICA

Freud, S. (1982). **Die Verneinung**. Em **Studienausgabe**, vol. 3. Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho originalmente publicado em 1925)

Freud, S. (1994). **La question de l'analyse profane, II**. Em **Œuvres complètes: Psychanalyse**, vol. 18. Paris: PUF. (Trabalho originalmente publicado em 1926)

Freud, S. (1964). **Some elementary lessons in psychoanalysis**. Em **Standard Edition**, vol. 23. Londres: The Hogarth Press. (Trabalho originalmente publicado em 1938).

FREUD, Sigmund. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. In: **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

KEEGAN, Paul. Introduction. In: FREUD, Sigmund. **The psychopathology of everyday life**. London: Penguin Classics, 2002.

Gomes, G. (1995). **Self-awareness and the mind-brain problem**, **Philosophical Psychology**, 8 (2), 155-165

QUINET, Antônio. **A descoberta do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. **Método da associação livre**.

Fonte: portal psicanálise. **Sobre a Psicanálise**. Texto disponível em: <http://www.onp.org.br/index.php/sobre-a-psicanalise>

JOVIANE MOURA. **O método da associação livre**. Texto disponível em: <https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/o-metodo-da-associacao-livre>.

RENAN SARGIANI. Sigmund Freud – **interpretação dos sonhos**. Texto disponível em: <https://www.psicologiaexplica.com.br/a-interpretacao-dos-sonhos-sigmund-freud/>

ROSIMERI BRUNO LOPES. **Os sonhos na concepção de Freud**. Texto disponível em: <https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/os-sonhos-na-concepcao-de-freud>

PROFESSOR FELIPE DE SOUZA. Psicanálise Freud. **Os três tipos de atos falhos na psicanálise de Freud**. Texto disponível em: <http://www.psicologiamsn.com/2015/01/os-3-tipos-de-atos-falhos-na-psicanalise-de-freud.html>

TEORIA PSICANALÍTICA

FERRARI, Juliana Spinelli. "**Mecanismos de Defesa**"; **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/mecanismos-defesa.htm>>. Acesso em 11 de outubro de 2018.

NAYLA GEORGIA. **Complexo de Édipo**. Texto disponível em : <https://www.estudopratico.com.br/complexo-de-edipo-o-que-e/>

Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: O legado de Freud e Lacan – Zahar Ed.,1996.

Dicionário de Psicologia: Editado por Norbert Sillamy/ Larousse do Brasil.

Dor, Joel – Introdução à leitura de Lacan: **O inconsciente estruturado como linguagem**.

Freud, S. **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens**. Obras completas. Vol. XI.

LACAN, JACQUES. **Seminário a transferência**. Zahar Editor.

MILLER, J.- ALAIN/ **Percurso de Lacan: uma introdução** – Zahar Ed., 2002..

PROFESSOR FELIPE DE SOUZA. **Freud, psicanálise**. Texto disponível em: <http://www.psicologiamsn.com/2015/04/os-8-principais-conceitos-da-psicanalise.html>